O ECO
Jornal da Ilha Grande

Maio de 2020 - Edição 253

Abraão, Ilha Grande, Angra dos Reis - RJ

SALVE O DIA DAS MÃES!



PÁGINA 06

Quatro mães de três gerações que amam seus filhos com o máximo de carinho e dedicação.

MEIO AMBIENTE
AUTÓDROMO AMEAÇA DESMATAR 200 MIL ÁRVORES DA MATA ATLÂNTICA
PÁGINA 03

REFLEXÕES
A FALÊNCIA DA DEMOCRACIA BRASILEIRA
PÁGINA 12

TURISMO
"LA TROCHITA"
PÁGINA 15

EDITORIAL



O PÓS PANDEMIA

“Nosso Jornal continua em apoio à comunidade, em seus mais diversos eventos, trazendo informações, fazendo críticas aos abusos e enaltecendo o que é bom, em nossa visão. Como ouvimos opiniões na comunidade, acreditamos que nossa visão é de maioria. Recebemos a manifestação de todos para publicação através “do espaço fala leitor”, onde começa a surgir jovens interessado. “Este jornal fala com todos e deixa que todos falem”, dando assim espaço a todas as partes. Informamos ainda que é lido em mais de cem países com substancial número de leitores, razão de quem escreve poder estar sob a crítica deste universo, onde se inclui muita gente sábia. Por isso os achismos poderão ser repelidos com contestações, ou possivelmente aplaudidosporoutrosachismos”.

O mundo está passando por um período crítico, em que as últimas gerações nunca passaram, por tamanho desajuste em todos os sentidos. Acredito que se lavarmos em conta a quarentena, o mundo nunca passou por algo igual na história. Obviamente, acrescendo problemas, como aumento do pânico, da criminalidade, do desemprego, do desapego à vontade de viver, enfim um quadro que nos assola. Por outro lado, admito que a solidariedade aumentou.

Teremos que nos reinventar para podermos sobreviver e voltar a vida mais simples como éramos antigamente. Nosso passado recente, que o condenávamos por sermos insatisfeitos com ele, na realidade comparado ao atual podemos dizer que “éramos felizes e não sabíamos”. O mundo gira, as surpresas aparecem, as dificuldades aumentam, para muitos a vontade de viver já não existe e o mundo não para, possivelmente no caminho do piorando a cada dia. Isso tem nome e causa. Multiplicamo-nos em excesso, os costumes de afeto e amor entre os próximos desabaram, a família como princípio de bem estar coletivo já não existe, a ganância como propósito do “salva-se quem puder” é dominante, destruímos sem piedade a natureza que é quem sustenta a biodiversidade, da qual somos integrantes e dependentes, enfim destruindo a cada dia nossa sustentabilidade. Há quem afirma que tudo se resume ao seguinte: o mal foi o homem ter dominado a natureza antes de dominar a si próprio. Isso teve consequências enormes e seus males estão chegando.

Há possibilidades, que após o choque que a pandemia criou, de modificamos o modo de ver no planeta. A queda foi tão brusca que nos sacudiu suficiente para repensarmos tudo. Hoje, já não podemos repensar pontualmente, face ao avanço da ciência, teremos que pensar global, portanto, mais difícil.

Qualquer afirmação agora, para “o pós pandemia”, será apenas achismo, pois nunca passamos por momento semelhante como desespero e de informações desencontradas. Nos resta algo de bom e que sempre sustentou a humanidade: a esperança que sempre fez parte da fé. A fé é algo abstrato, que só sente quem a tem, mas foi a pilastra que sustentou o mundo nos desesperos, para obter no pós, a esperança de dias mais promissores.

O EDITOR

Este jornal é de uma comunidade. Nós optamos pelo nosso jeito de ser e nosso dia a dia, portanto, algumas coisas poderão fazer sentido somente para quem vivencia nosso cotidiano. Esta é a razão de nossas desculpas por não seguir certas formalidades acadêmicas do jornalismo. Sintetizando: “É de todos para todos e do jeito de cada um”!



Sumário

03 QUESTÃO AMBIENTAL
06 MATÉRIA DE CAPA
08 INFORMATIVO DE O ECO
09 TEXTOS, NOTÌCIAS E
11 REFLEXÕES
14 LAMENTAÇÕES NO MURO
15 TURISMO
17 COLUNISTAS
18 IMIGRAÇÃO ITALIANA

Expediente

DIRETOR EDITOR: Nelson Palma
CHEFE DE REDAÇÃO: Núbia Reis
CONSELHO EDITORIAL: Karen Garcia, Raissa Jardim, Núbia Reis.
DIAGRAMAÇÃO: Raissa Jardim

COLABORADORES:
Adriano Fabio da Guia, Alba Costa Maciel, Amanda Hadama, Angélica Liaño, Bebel Saravi Cisneros, Érica Mota, Heitor Scalabrini, Hilda Maria, José Zaganelli, Karen Garcia, Lauro Eduardo Bacca, Maria Rachel, Neuseli Cardoso, Núbia Reis, Pedro Paulo Vieira, Raissa Jardim, Ricardo Yabrudi, Renata Paganotto, Renato Buys, Roberto Pugliese, Rosanne Pinheiro, Sabrina Matos, Sandor Buys e Talita Nascimento.

DADOS DA EMPRESA:
Palma Editora LTDA.
Rua Amâncio Felício de Souza, 110
Abraão, Ilha Grande-RJ
CEP: 23968-000
CNPJ: 06.008.574/0001-92
INSC. MUN. 19.818 - INSC. EST. 77.647.546
Telefone: (24) 3361-5410
E-mail: oecojornal@gmail.com
Site: www.oecoilhagrande.com.br

As matérias escritas neste jornal, não necessariamente expressam a opinião do jornal. São de responsabilidade de seus autores.

AUTÓDROMO AMEAÇA DESMATAR 200 MIL ÁRVORES DA MATA ATLÂNTICA - ECOLOGISTAS PEDEM AO MPF E MPRJ A SUSPENSÃO DE AUDIÊNCIA PÚBLICA VIRTUAL FRAUDULENTA

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO TENTA DERRUBAR A OBRIGATORIEDADE LEGAL DE APRESENTAÇÃO DE PRÉVIO EIA/RIMA PARA CONSTRUÇÃO DE AUTÓDROMO QUE AMEAÇA DESMATAR 200 MIL ÁRVORES DA MATA ATLÂNTICA

MPF INVESTIGARÁ AUTORIDADES PÚBLICAS QUE CONVOCARAM ILEGALMENTE "AUDIÊNCIA PÚBLICA" VIRTUAL FRAUDULENTA PARA LICENCIAR A CONSTRUÇÃO DE AUTÓDROMO NA ÁREA DA FLORESTA DO CAMBOATÁ

Grupos ecológicos ingressaram hoje à tarde (20 de maio de 2020), com Representação judicial junto ao Ministério Público Federal (Procuradoria Geral da República) e ao Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (Procuradoria Geral da Justiça do Estado do Rio de Janeiro), requerendo a suspensão do Edital de convocação da audiência pública remota, convocada pelo governo do estado para o dia 28 de maio de 2020, para licenciamento às pressas do "novo" autódromo, por ser sua realização, em caráter exclusivamente virtual e remoto, constituir ato em flagrante desacordo com as normas vigentes relativas à matéria. Os ecologistas ressaltam que "a plataforma por meio da qual seria realizada permanece incerta e desconhecida por parte dos interessados em participar, haja vista que a única informação disponível até o momento no link eletrônico fornecido é um formulário para registro de inscrições, sem que aos interessados e sequer aos inscritos sejam fornecidas, até o momento, quaisquer informações sobre os meios e os requisitos mínimos de equipamentos e serviços de internet necessários para viabilizar sua efetiva participação."

Também foram notificados o Secretário de Estado do Ambiente e Sustentabilidade, Altineu Cortes, a Procuradoria Geral do Estado (PGE), a Procuradoria Geral do Município do Rio de Janeiro (PGM), o Instituto Estadual do Ambiente (INEA) e a Comissão Estadual de Controle Ambiental (CECA), cujas autoridades poderão ser, posteriormente, responsabilizadas por crime de Improbidade Administrativa e Crime Ambiental (Lei Federal no. 9605/1997), caso a audiência pública virtual fraudulenta seja realizada ao arrepio das leis, o que provocará o DESMATAMENTO DE 200 MIL ÁRVORES DA FLORESTA DO CAMBOATÁ localizada no bairro de Deodoro, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, segundo estudos realizados pelo conceituado Instituto de Pesquisas Jardim Botânico.

A Representação aponta graves ilegalidades e irregularidades no ato de convocação desta audiência pública virtual, entre os quais a violação dos princípios da princípios da publicidade, da transparência e da participação popular, que são reconhecidos e considerados como pilares básicos da doutrina de Direito Ambiental nacional e internacional.

O instrumento legal do Estudo de Impacto Ambiental (EIA/RIMA) que o prefeito do Rio quer desconsiderar (ver texto abaixo), assim como a obrigatoriedade de realização de audiências públicas no processo de licenciamento de empreendimentos de grande porte e elevado potencial poluidor, são previstos na legislação ambiental brasileira desde a vigência da Lei Federal nº 6.938/81, que instituiu a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), assim como na Constituição Federal de 1988.

Veja abaixo trecho da posição do Ministério Público Federal (MPF) em relação ao Agravo Interno no. 2591/RJ (Petição ND no. 9.929/2020) de 10/02/2020 em que a Prefeitura do Rio de Janeiro em que o prefeito Marcelo Crivella requer diretamente ao presidente do Supremo Tribunal de Justiça (STJ), Ministro Humberto Martins, a "suspensão dos efeitos de acórdão do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro na Ação Civil Pública no. 5031736-15.2019.4.02.5101, em que se discute a suspensão de procedimento licitatório (Concorrência no. 01/2018) cujo objeto é a outorga de concessão administrativa para a execução das obras e dos serviços de implantação, operação e manutenção do autódromo do Rio de Janeiro.

Para o MPF de Brasília, que atua nesta causa em cooperação como a área ambiental do Ministério Público Estadual através do seu Grupo de Atuação Especializada em Meio Ambiente (GAEMA), os frágeis argumentos da prefeitura que visa obter o "pedido suspensivo" dos efeitos da legislação ambiental sobre o licenciamento deste mega empreendimento:..."se limitam a considerações de caráter data venia especulativo quanto a potencias ganhos financeiros do município com o empreendimento, sem demonstrar de que maneira o deferimento da liminar afetaria direta e concretamente a economia publica."

A alegada "difícil situação financeira, não traduz por si só, risco de lesão à economia publica, e não serve para afastar, ou retardar, imprescindível eia/rima de uma obra, nos termos previstos na legislação, principalmente quando se trata de um empreendimento de grande porte", como é o caso do "novo" autódromo.

"Em tal situação, em verdade o inicio da obra com implantação definitiva de um autódromo, é que caracteriza PERICULUM IN MORA inverso, diante da potencial configuração de dano ambiental irreversível."

"Vale dizer, eventual deferimento do pedido de suspensão traria, sim, lesão à ordem pública, ante a contratação de obra,sem efetiva e necessariamente prévia demonstração de viabilidade ambiental do empreendimento, contrariando o devido processo

legal."

"Somente o Estudo de Impacto Ambiental (EIA/RIMA), com efeito, poderá avaliar as consequências ambientais decorrentes do projeto de construção do autódromo."

A Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro ao pretender "analisar o conceito de economia pública de formas dissociada da ideia de cumprimento dos deveres ambientais impostos pela Constituição Federal de 1988 e por diplomas legais ordinários, contraria o próprio conceito de Desenvolvimento Sustentável, o que desautoriza por completo a pretensão formulada perante esta corte superior."

Assinado por: NICOLA DINO – Subprocurador-Geral da República em Brasília.

* As organizações da sociedade civil autoras da Representação protocolada hoje são: Movimento SOS Floresta do Camboatá, Movimento Baía Viva, FAM-RIO, Grupo Açõa Ecológica (GAE), Núcleo Ecológico Pedras Preciosas (NEPP), o Instituto Ciclos de Sustentabilidade e Cidadania e a OAB-RJ.

Maiores informações:
Sérgio Ricardo (Baía Viva) – (21) 99734-8088 (WhatsApp)
Beto Mesquita (Ciclos) – Tel. (21) 98151-0770
Marina Bernardes (NEPP) – Tel. (21) 97

O FIM DO LIXO: UM PLÁSTICO VEGETAL RESISTENTE PARA EMBALAR BEBIDAS E ALIMENTOS

Por greenMe.com.br

A Avantium, empresa holandesa de bioquímicos, lançou um projeto pioneiro para fabricar plásticos feitos de açúcares vegetais, ao invés dos combustíveis fósseis utilizados na fabricação dos plásticos poluentes. Isso significa que, muito em breve, cervejas e refrigerantes poderão ser consumidos em garrafas "all plant".

De acordo com informações do The Guardian, cerca de 300 milhões de toneladas de plástico são fabricadas todos os anos e a maior parte não é reciclada. Isso faz com que elas virem microplásticos e tenham o oceano como destino final, ou pior, retornam para a cadeia quando são ingeridos pelos animais marinhos e, consequentemente, por nós.

Felizmente, muitos planos surgem com a intenção de substituir esse material por alternativas que não degradam o meio ambiente. Um desses projetos é o da empresa de produtos químicos renováveis, Avantium. Em parceria com a fabricante de cervejas Carlsberg, elas pretendem vender bebidas em garrafas de papelão forradas com uma camada interna de plástico vegetal.

Esse projeto conta também com o apoio de grandes empresas como a Coca-cola e a Danone, pois elas estão no ranking das empresas que possuem embalagens mais poluentes, até então. Com esse apoio, elas esperam garantir o futuro de seus produtos engarrafados, enfrentando os danos ambientais causados pela dependência dos combustíveis fósseis.

"Este plástico tem credenciais de sustentabilidade muito atraentes porque não usa combustíveis fósseis e pode ser reciclado, mas também se degrada na natureza muito mais rapidamente do que os plásticos normais", garantiu Tom van Aken, executivo-chefe da empresa Avantium.

Segundo informações da empresa bioquímica, o plástico vegetal é resistente o bastante para armazenar bebidas carbonatadas, e pode se decompor em um ano usando um compostor. Em condições externas normais, o plástico vegetal se decompõe em alguns anos, mas a ideia é que ele possa ser reciclado.

A mesma tecnologia também pode produzir embalagens para alimentos, tecidos e filmes. O objetivo da Avantium é produzir cerca de 5.000 toneladas de plástico vegetal por ano, utilizando açúcares de milho, trigo ou beterraba, mas espera-se que a demanda por plásticos renováveis aumente cada vez mais. Futuramente, para não afetar a cadeia global de fornecimento de alimentos, a Avantium pretende usar açúcares vegetais provenientes de resíduos biológicos de origem sustentável.

Apesar da pausa por causa do coronavírus, o projeto continua a todo vapor e espera-se que em 2023 o novo plástico à base de plantas possa estar nas prateleiras dos supermercados.

Como se vê, alternativas ao plástico existem e se aprimoram cada dia mais. Um mundo melhor é possível, basta queremos!

Eliane A Oliveira

QUESTINAMENTO AO RUMO AMORFO DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

Por N. Palma

Dediquei 20 anos de minha vida às questões ambientais, como minha contribuição, visto o destino da vida na terra, depender de como será tratada sua biodiversidade. Confesso que cansei, por não encontrar êxito neste caminho. Ele é inglório, por isso estou me atendo a críticas pesadas, mas de caráter construtivo, para ver se os governos acordam para isso. É um absurdo, mas é mais fácil obter êxito criticando, que ser parceiro para produzir juntos.

É visível o desinteresse, ou descaso de parte importante dos envolvidos nas Unidades de Conservação da Natureza em todas as instâncias, de forma substancial nas APAs. Mas atinge, de secretários de meio ambiente a quem serve cafezinho nas reuniões, que cujas reuniões até já não existem. Não me refiro pontualmente ao Rio de Janeiro, mas aos estados, por onde andei. É triste observar a ausência de instituição importante como o IBAMA, às pequenas coisas, tais como destruição das nascentes, drenagens de banhados que funcionam como esponja para reter e perenizar a agua, desmatamento em lugares proibidos etc. Disse-me um importante funcionário, que o IBAMA foi destruído nas últimas décadas, principalmente pelo desmembramento pela criação do INSTITUTO CHICO MENDES. "O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) é uma autarquia, isto é, um órgão da Administração Pública com o poder de auto-administração, nos limites estabelecidos em lei que a cria. O ICMBio foi criado pela Lei 11.516, de 28 de agosto de 2007, sendo vinculado ao Ministério do Meio Ambiente como parte do Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama)".

Entende-se como instituições com muito poder, aparentando resolver os problemas ambientais com muita facilidade face ao respaldo da lei. Mas o que o povo entende é que se criou muitas siglas, com certo ar de pompa, mas de pouca ação.

Ao nível estadual, referindo-me ao Rio de Janeiro, a nota é do mesmo diapasão, uma infinidade de instituição, formando um infinito de siglas, com distribuição de inúmeras funções, com alto custo e pouco resultado lá na ponta, onde o resultado positivo deveria ser o propósito prioritário. Parecendo-nos que o vírus da antiga FEEMA, ou seu DNA, ainda está presente. Um número razoável de pessoas, nestes cargos, parecem incompetentes ou indiferentes ao trabalho, onde os poderosos investidores se aproveitam para obter licenças ambientais não compatíveis e quando o fato é questionado por entidades não governamentais ou por qualquer cidadão, a sigla superior no organograma cheia de egos e vaidades, como mal menor admite o erro, atribui-lhe um passivo ambiental como mitigação e o infrator paga, sai ileso e com seu desejo alcançado (incompetência, conivência participativa, ou simplesmente desonestidade implantado no sistema). Nisso se observam verdadeiros desastres ambientais, que transparecem ao cidadão comum envolvido no meio ambiente, como instituições não sérias. Choca e desestimula qualquer cidadão pertencer aos conselhos ou comparecer aos debates importantes, até mesmo às audiências públicas onde é normal o cidadão ter voz e voto. É um desestímulo sem limites ao pertencimento e participação na sociedade. Parece terem interesse na ausência da sociedade, para não atrapalhar os interesses escusos de certos funcionários. Atribuo aos governos municipais a maior culpa nisso, por estarem lá na ponta, com fácil identificação da não observância da lei e com o poder de pressionar as instâncias dos órgãos ambientais, até de acionar o Ministério Público para impor-lhe o cumprimento da lei. Mas parecem pertencerem a lenidade (tolerância) e consequentemente coniventes. Em um país sério eles seriam responsabilizados, visto serem os municípios quem legislam sobre o solo. Temos que reinventar o Brasil em muitas coisas, infelizmente!

Neste caminho sem cumprimento da lei, se drenam todos os banhados como aproveitamento da terra fértil para plantio, ou para expandir suas construções sobre os manguezais no litoral, além de no interior destruírem as vertentes, deixando o vizinho abaixo sem água. Muito comum no sudoeste do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Minha terra dando mau exemplo, choca-me ainda mais.

Por isso eu questiono para ver as a fase muda para melhor em menos tempo.

Recadinho aos governantes:

"A natureza não entende e chora ao ver sua biodiversidade destruída por seus próprios habitantes, por ironia os racionais. Temos que entender que somos hóspedes do planeta, não donos. Chega de ganância em nome do progresso, não deixando assim, espaço às gerações futuras e já atingindo duramente as presentes".



MÃE É O MAIOR PATRIMÔNIO QUE NÓS TODOS TEMOS

10 DE MAIO, DIA DAS MÃES

Por Nelson Palma

Histórico

O Dia das Mães foi celebrado pela primeira vez em 9 de maio de 1914. No Brasil, em 1932, o então presidente Getúlio Vargas, a pedido das feministas da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, oficializou a data no segundo domingo de maio.

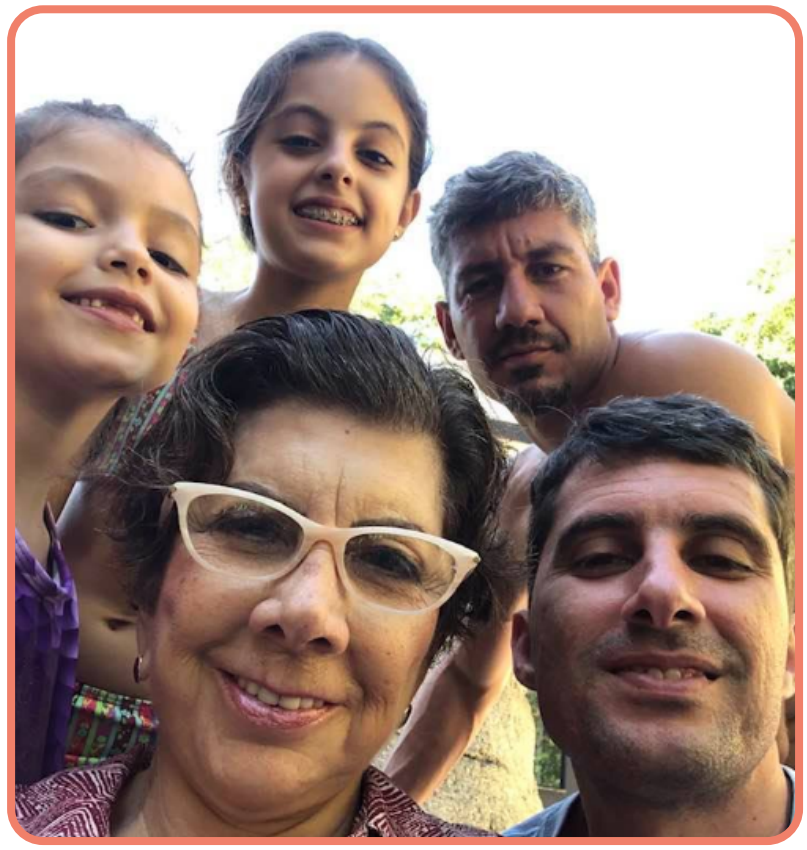
Em verdade a palavra mãe é um símbolo que vem desde Mãe Gaia da mitologia grega

O que é Gaia:

Na mitologia grega, Gaia é o nome da deusa da Terra, companheira de Urano (Céu) e mãe dos Titãs (gigantes). Gaia é a personificação do planeta Terra, representada como uma mulher gigantesca e poderosa.

Em homenagem à deusa grega, a Teoria de Gaia (também conhecida como Hipótese de Gaia) foi criada pelo cientista britânico James E. Lovelock. Nela o cientista descreve o planeta Terra como um organismo vivo, que apresenta algumas características como a atmosfera com química e a capacidade para manter e alterar suas condições ambientais - o que não acontece com outros planetas do sistema solar.

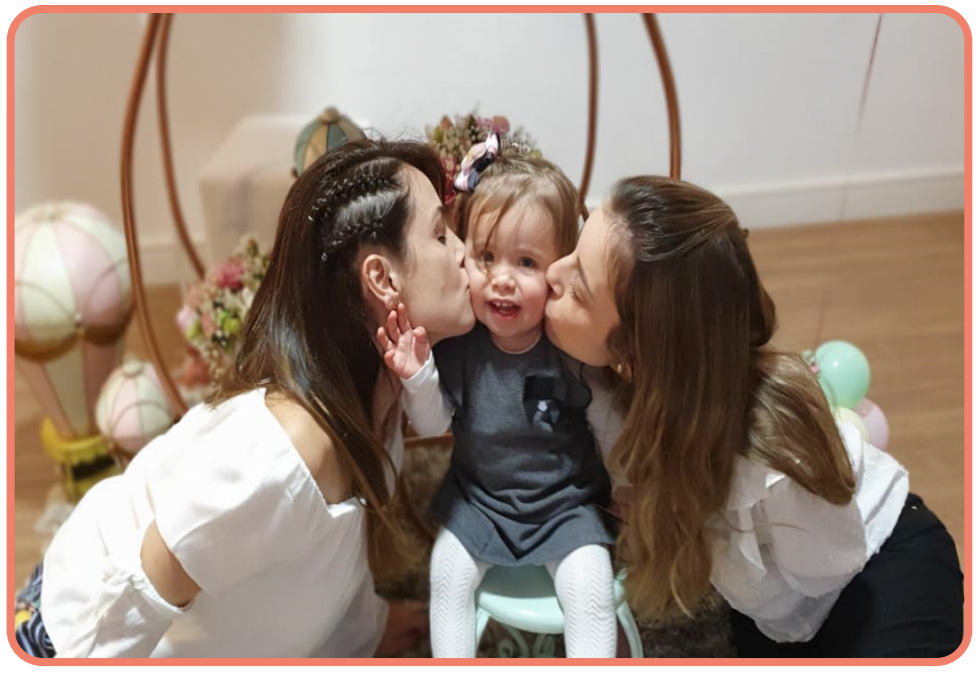
Bem, até aqui foi só uma introdução, para sabermos da origem histórica. Para nós habitantes atuais do planeta, ela é aquela mulher que nos trouxe ao mundo e nos criou com um desvelo incomparável, cujos laços da afinidade nunca nos separarão.



Ana Curty - uma mulher que contribuiu muito na área turística do Abraão, foi uma lutadora. Mãe muito especial que soube criar uma família maravilhosa. Felicitações Ana



Helena a matriarca, nasceu no município de Quatro Irmãos, RS, sua filha e suas netas, que vivem como um pequeno clã no Paraná, onde se incluem mais duas bisnetas. Mães bonitas que formam uma família linda, de espírito e visual. A dedicação às sucessoras é sua marca no cotidiano da matriarca. Parabéns Helena – Eu conheço sua luta! Por isso minha homenagem





Viviane um exemplo de lutadora, dedicando sua vida aos filhos, marido e natureza, sempre busca do melhor para a convivência harmônica na sociedade. Dedica-se em quatro pontas difíceis: casa, escola e meio ambiente. Parabéns

Com a mãe, nós aprendemos tudo, desde o ato de mamar, comer, beber, andar, desfraldar, o colégio a faculdade, enfim não acaba nunca. Na volúpia de consumo do mundo contemporâneo, o fato de irmos à loja, comprar-lhe um presente e entregá-lo com um abraço, se torna imaginável a sensação de carinho, aconchego, pertencimento e outo-estima. Isto acontece sempre entre as pessoas que se amam e nos ajuda muito na arte de viver bem.

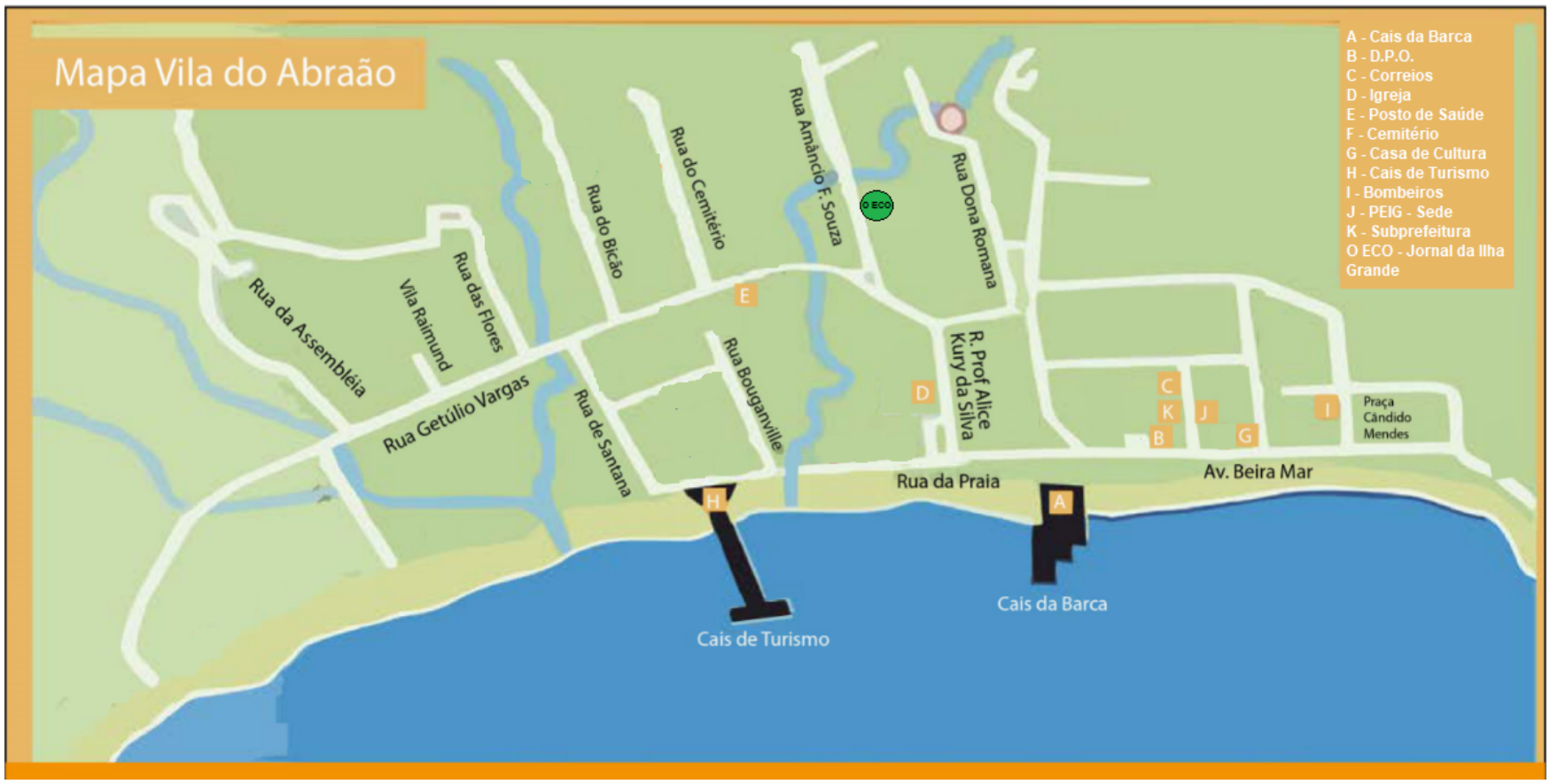
A força quântica, química, telepática, espiritual, seja qual for a forma de entender ou imaginar, é tão forte que seu dia é comemorado em todo o planeta e de total semelhança em todas as partes.

Nossos parabéns, da equipe de O Eco Jornal, às mães de todos nós e a elas nossa gratidão por estarmos aqui e sermos o que somos. Chegamos até aqui pelo incansável trabalho dela, em nos criar, educar e sobretudo nos mostrar o caminho menos tortuoso na vida. "Viver a emoção de viver", é uma dádiva tão grande que não temos como medi-la! Só a temos, graças à mamãe que trouxa aqui!

OBRIGADO MÃES!



Tatiana Mariano, "a mãe das corridas de montanha". Parabéns Tati. Para a mulher mãe, o dia das mães deve ser o maior pódio da vida.



O ECO JORNAL NA COMUNIDADE

“Sempre falamos sobre a importância de nosso jornal. Ainda gostaríamos de lembrar que há 20 anos ele luta pelas boas coisas na ilha, a defesa de sua cultura, o crescimento compatível com a sustentabilidade, preservando seu jeito simples de viver e com suas tradições centenárias”. ENFIM APOIO ÀS BOAS AÇÕES.

A carência do saber na maioria das pessoas que hoje determinam o destino de ilha, referindo-nos especialmente a quem vive do turismo, será fator de decadência em breve. A falta de capacitação é fator determinante para o insucesso em qualquer setor da sociedade. O setor turístico foi muito mais sábio no passado que no presente. Confira a seguir.

FILMES QUE VOCÊ DEVE VER PARA DEPOIS FALAR SOBRE A ILHA.

Estes filmes demonstram grande parte do que já fizemos na Ilha, hoje em decadência, mas um trabalho pouco compreendido por quem deveria compreender. A nossa força de trabalho em grupo já foi bem melhor, mais harmônica e mais produtiva. Vejam:

https://www.ilhagrande.com.br/agenda-de-eventos/natal-ecologico-da-ilha-grande-2015/

https://www.youtube.com/watch?v=djOAvqj_gAQ

https://www.youtube.com/watch?v=9MPiarLgSoo

https://www.ilhagrande.com.br/agenda-de-eventos/natal-ecologico-da-ilha-grande-2015/

https://www.youtube.com/watch?v=wy4BW3tOfQc

https://www.youtube.com/watch?v=9-yGUiGteMo

https://www.youtube.com/watch?v=4TWMArYAoO8

https://www.youtube.com/watch?v=wy4BW3tOfQc

HISTORICO CULTURAL DE ILHA GRANDE português ou inglês. Procure no Youtube.

Hoje nos satisfazemos com os “enlatados” que a Prefeitura nos apresenta e os engolimos com “goela de pato” e alguns ainda satisfeitos e fazendo “bom proveito”. Ou repensaremos isso ou fracassaremos.

As pessoas que hoje habitam a ilha, pouco sabem, ou talvez nem lhes interessa saber, pois sua vinda por aqui foi simplesmente à procura de um lugar que lhe desse ganho fácil. Estas pessoas atingiram seu objetivo, mas estão destruindo a sustentabilidade, porque a ilha depende de ser preservada em seus costumes, tratar muito bem seu produto turístico, cujo protagonista é o turista. É ele quem dirá aos outros: vai que o lugar é bom! Caso ele dê esta informação negativa, terão menos dez turistas, por cada turista que sair insatisfeito. Grande parte dos receptivos e guias, são muito insuficientes e nem querem aprender. Expressivo número de guias nada sabe sobre a ilha. O bom turista é aquele que procura o guia, e o procura exatamente para obter informações seguras, especialmente sobre o geográfico e histórico cultural do local. O guia e o recepcionista devem saber pelo menos mais um idioma além do nosso, caso contrário será um fracasso e fará o turista voltar insatisfeito. “Não pague mico! Estude, faça um bom trabalho que garantirá um melhor emprego. Todo o bom profissional, o empresário procura. Aqui no jornal tem um bom curso de inglês à disposição, aproveite. No mundo globalizado, o valor profissional será proporcional ao número de idiomas que domina.

Esta advertência é extensiva, aos meios de hospedagem, transporte náutico e em especial ao poder público que deveria ser o grande interessado, porque do fluxo turístico e volume da ocupação depende seus impostos. DEVEMOS REPENSAR A ILHA, ESTE LUGAR MERECE!

N. Palma



E AÍ? JÁ ESTÁ NA HORA DE REABRIR?

Por Pedro Paulo Vieira

Com a publicação desta edição do Jornal O ECO, comemoramos 2 meses de isolamento e quarentena devido ao espalhamento mundial de um novo tipo de coronavírus. O Covid-19. Durante este tempo temos escutado de tudo, vindo de todos. A pandemia atingiu a vida de todo mundo, deixando doente do mais simples ao mais afortunado membro de nossa cidade. Aqui no Brasil ajudou a deixar ainda mais claras e acirradas algumas contradições e polaridades, inclusive as político-partidárias. Criou novas. Como pensar somente na saúde e esquecer da economia? E nossos idosos? E os grupos de risco? Quanto vale a vida humana? Por outro lado, como pensar somente na economia e esquecer da saúde? E os empregos? E os salários? E quem está passando quarentena com fome e sem perspectiva de futuro? Estaremos mesmo num momento de criação de um exército de novos miseráveis no Brasil? Perguntas difíceis. Nenhuma tem resposta única e correta.

Mas vamos aos fatos. Podemos dizer que após 60 dias (formais) de exposição a um processo infeccioso extremamente contagioso e potencialmente letal para pelo menos 10% da população mais vulnerável (veja o texto sobre ser capaz de fazer vírus na edição 253 deste Jornal), a grande maioria da população mesmo panicada, já tem uma percepção do que estamos enfrentando no dia-a-dia. Não adianta comparar com o que vê na mídia ou em outros locais mais desenvolvidos do mundo, onde a infraestrutura ajuda, onde há disciplina e organização, onde o espaço físico para administrar é muito menor. Cada um com sua realidade. Gostaria eu que nosso país também tivesse 3 trilhões de dólares para reinjetar na economia doméstica após o isolamento forçado, ou que tivéssemos infra para reabrir nossos aeroportos monitorando 100% dos que entram por nossas fronteiras por 14 dias para garantir uma não reinfecção de áreas vulneráveis. O Covid-19 juntou os seres humanos do nosso planeta com o mesmo problema, mas esquecemos que assim como o abastado que passa sua quarentena num apartamento de frente pro mar e o miserável que passa a quarentena em um barraco de um cômodo divido com outras 12 pessoas, os países também possuem estes matizes e discrepâncias entre si.

Enquanto a gente está aqui ansioso para que se "abram os portões" para retomarmos às nossas compulsões e rotinas, tem sociedades correndo atrás de sistemas, soluções em todos os níveis. Desde tecnologias simples para que os restaurantes voltem a funcionar e atender à turma de "mascarados" que passarão a ocupa-los, a centros de pesquisa que estão numa corrida tecnológica de ponta (e colaborativa, com publicações sobre o Covid-19 pipocando diariamente) para a criação de um remédio ou vacina que vai ajudar a todos nós, principalmente a minha avozinha de 95 anos e suas filhas, isoladas juntas a 60 dias, a dormirem mais tranquilas.

Temos que colocar na cabeça que há uma necessidade de mudança de comportamento e rotinas sociais. Sem estas mudanças não há como a necessidade econômica de reabertura deixar de oprimir nossa – capenga – saúde pública. Temos que ter garantias. E aí o foco aqui recaí sobre a Ilha Grande e a Vila do Abraão, seu ponto urbano mais populoso.

Discussão de como reabrir nossas portas para o turismo, principalmente o internacional, que abastece a economia local, tem que passar por um plano prático e objetivo de procedimentos e rotinas que vão desde rever a quantidade de pessoas regularmente recebidas em hotéis e taxi-boats, até a criação e manutenção de um sistema de monitoramento sanitário que permita identificar, apoiar e eventualmente encaminhar de volta para o continente, pacientes febris, sintomáticos e eventualmente com diagnostico positivo para o Covid-19. Manter todo mundo afastado aqui é bem mais fácil, estamos numa ilha. O problema é voltar a receber com segurança. Jurídica, Ambiental e Sanitária. Tem gente achando que reabrir e "flexibilizar" a visitação à Ilha Grande é apenas voltar ao ponto que estávamos antes com número menor de turistas circulantes. Não é. Passa longe disso. É emergencial que esta comunidade se organize e discuta quais são os princípios locais para que possamos retomar nossas vidas.

A educação e respeito de utilizar máscaras, de lavar as mãos, possuir ambientes limpos e uma infraestrutura sanitária mínima vai garantir que o turista estrangeiro que vem de longe gastando seus euros e dólares por aqui, se sinta respeitado e seguro. Esse é o diferencial que será procurado entre as pousadas e hosteis. Esse é o momento do nosso posto de saúde deixar de ser um ponto de pronto-atendimento precário e se transformar em uma unidade de saúde compatível com as demandas do momento. Isso é urgente. Que tenhamos profissionais no porto avaliando os que chegam, moradores ou não. Não importando suas origens momentâneas.

Convoquemos todas as associações e representantes dos moradores da ilha a montarmos um plano próprio e independente, devidamente assessoradas por pessoal técnico e competente para propor uma reabertura responsável e na minha opinião, necessariamente imediata. Depois de pronto, esse plano pode ser implatado com ou sem a ajuda pública, com o risco de que se esperarmos demais, acabaremos ajudando a matar a "galinha dos ovos de ouro" de muitos.

Senão o mundo vai reabrir, e por aqui esse momento de debilidade vai permanecer ao ponto de não ser possível para a maioria de nós seguir com a vida, minimamente como antes. Principalmente os que dependem do turismo. O turismo passivo das belezas naturais que atraem sem gasto nem investimento é uma lembrança pré-Covid19. Chegou a hora de assumir a responsabilidade, planejar, executar ou temos uma chance de voltar ao momento pós-derrubada do presídio. É hora de trabalharmos juntos ou ficarmos a ver navios. Literalmente.

*Pedro Paulo Vieira é Diretor Administrativo da Brigada Mirim Ecológica da Ilha Grande e graduado em microbiologista e imunologia pela UFRJ.

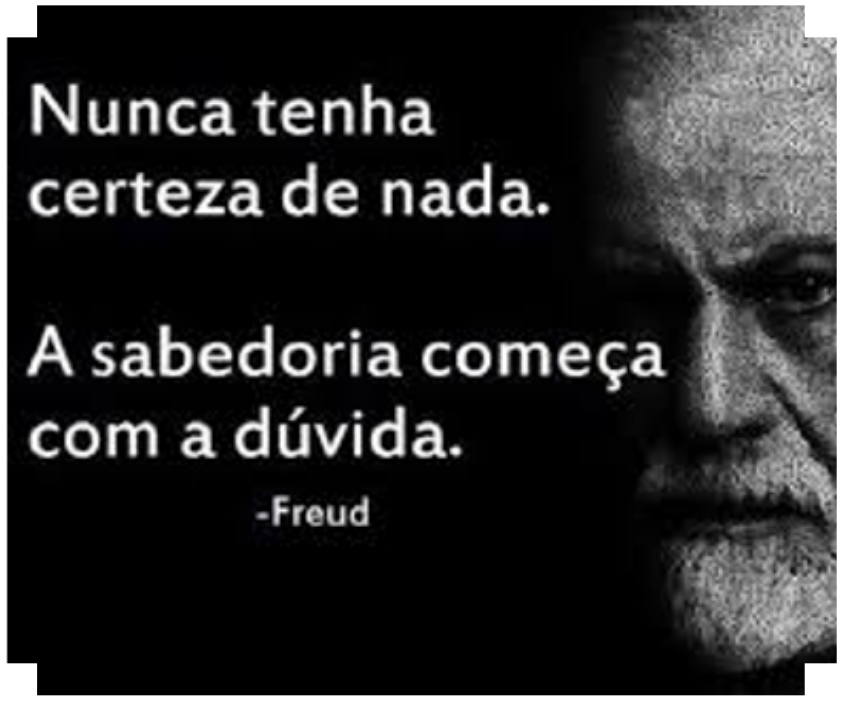
OPINIÃO

A SABEDORIA VEM POR DOIS CAMINHOS

- Pela universidade, onde se aprende o que já existe, normalmente interpretado pela tendência da universidade ou em outros casos, pela indiferença do professor, quanto à necessidade do saber ou do não saber, resultado em robôs, não em pensadores.
- Pela procura do saber como autodidata, normalmente resultado de fortes questionamentos por não encaixar o ontem no hoje. Só é autodidata quem realmente está à procura do saber, por ser pensador.

A história do pensamento não se limita só ao que já existiu, ela sugere que se avance na atualização dos fatos.

Enepê



NOTÍCIA

O QUE MUDA NO PROGRAMA MINHA CASA, MINHA VIDA EM 2020?

Governo lançará novo programa habitacional até o fim de maio

O governo federal prepara novidades para o 'Minha Casa, Minha Vida' que irá ganhar um novo nome: 'Casa Verde Amarela'. O programa habitacional terá apenas duas modalidades, atualmente o programa possui quatro faixas (modalidades). A ideia do governo é lançar o programa 'Casa Verde Amarela no final de maio.

No Casa Verde Amarela, a previsão é de que em vez de construir do zero a casa para a população mais vulnerável, a ideia será mapear famílias que estejam em terrenos e casas irregularidades e dar titularidade para elas, além de reformar parte dessas casas.

A outra modalidade é ter subsídios financiados (apartamentos) aos moldes do que é hoje, mas baixando os juros e usando mais do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) do que é utilizado hoje. A intenção do governo é construir 500 mil novas unidades habitacionais em todo o pais, mas com um tratamento diferenciado às regiões Norte e Nordeste

"Por hora, o mercado imobiliário que conta com convênio do Minha Casa, Minha vida, segue atuando da mesma forma. Aguardamos as mudanças para que possamos nos adaptar e permanecer oferecendo condições diferenciadas ao público", destacou o diretor de Contratos do empreendimento Vila Jardim, Willians Vinicius Gonçalves.

Atualmente - A compra de imóveis atualmente segue a mesma regra de 2019. O incentivo contempla quatro faixas de renda familiar, que vão de R$ 1.800 a R$ 9.000, e cada uma delas conta com diferentes auxílios e vantagens no financiamento.

Além disso, as parcelas não devem ultrapassar 30% dos ganhos comprovados e só podem participar cidadãos que não foram beneficiados anteriormente por algum programa de habitação social do Governo Federal. O Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) pode ser utilizado para pagar a entrada do imóvel ou quitar as parcelas em atraso.

Follow Comunicação
(24) 2106-1355 / (24) 9 9938-7591

A GRANDE MASSA E O PENSAMENTO...?

Coisas que a grande massa não sabe ou não quer saber.

Uma realidade a ser pensada e discutida para nos entendermos melhor como seres pensantes que somos. Surpreendo-me em alguns instantes, imaginando que somos mais instintivos compulsivos que pensantes. Veja o texto e a análise como reflexão ao final. A grande massa humana, nada sabe desses números, mas é mestra em soltar opiniões como verdades absolutas, extraídas simplesmente do abstrato, ou de não entender o que lê. Estaria sem conhecimento perdida na "lógica hiperdialética"?

Texto

UM EXERCÍCIO DE PERSPECTIVA HISTÓRICA

(texto anônimo, mas interessante)

Para quem está muito assustado com o que ocorre hoje, acreditando que é o fim, segue uma reflexão:

Imagine que você nasceu em 1900.

Quando você completa 14 anos de idade, se da início a Primeira Guerra Mundial, que termina 4 anos depois.

Logo, quando você completa 18 anos constata que 22 milhões de pessoas morreram nessa guerra.

No final do ano, uma epidemia de gripe espanhola atinge o planeta e dura por 2 anos.

Quando você completa 20 anos percebe que 50 milhões de pessoas morrem vítimas dessa pandemia.

Com seus 29 anos cumpridos, a grande depressão começa.

O desemprego atinge 25%, o PIB mundial cai 27%. Isso dura aproximadamente 4 anos. O país quase entra em colapso com a economia mundial.

Quando você completa 39 anos, a Segunda Guerra Mundial começa.

Três anos depois, quando completa 41 anos, os Estados Unidos são totalmente atraídos para a Segunda Guerra Mundial.

Com seus 45 anos completos, os dados conferem que 75 milhões de pessoas morrem na guerra.

Nos seus 50 anos, inicia-se a guerra da Coréia, 5 milhões de pessoas morrem.

Com 55 anos de vida, inicia-se a guerra do Vietnã, que dura aproximadamente 20 anos, 4 milhões de pessoas morrem nesse conflito.

Com 62 anos, você presencia a crise dos mísseis Cubanos, um ponto de inflexão na Guerra Fria.

A vida em nosso planeta, como a conhecemos, deveria ter terminado.

Grandes líderes impediram que isso acontecesse.

Quando você completa 75 anos, ufa! A Guerra do Vietnã finalmente termina.

Vamos tentar manter as coisas em perspectiva. Fiquem tranquilos!

A vida é um ciclo e o planeta vive em constante mutação, teremos que passar nossos próprios tempos difíceis e isso é inevitável.

Os que partirem, aceitação.

Os que ficarão, viverão um novo tempo.

Tempo esse de reflexão profunda.

Quanto nós temos influenciado a civilização, quais são nossas responsabilidades?

Vamos parar de culpar uns aos outros. Todos somos responsáveis. Vamos meditar sobre a história da humanidade, aprender com ela, e buscarmos juntos construir um futuro verdadeiramente novo!

Existem muitos números assustadores além desses, vejam:

Mais de 140 mil morrem de sarampo no mundo à medida que casos aumentam.

Mais de 140 mil pessoas no mundo morreram em decorrência do sarampo em 2018, de acordo com novas estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) e dos Centros para Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos. Essas mortes ocorreram em um momento em que os casos de sarampo aumentaram globalmente, com surtos devastadores em todas as regiões.

Inúmeras doenças matam no mundo, números elevados e algumas até se pensando erradicadas. O mundo inteiro se empenha para salvar a qualquer custo estas pessoas que não querem morrer, o que é justo. Em contrapartida outro elevadíssimo número de pessoas, cansaram da vida e desistem de viver pelo suicídio.

Para refletir...

800 mil pessoas se suicidam anualmente, média de um a cada 40 segundos.

Isso me faz refletir sobre inúmeras coisas, onde torno-me incapaz de compreender. "Clareando a reflexão que estou induzindo".

Nós latinos somos muito piegas, na maioria cristãos, onde de certa forma damos à morte um grande valor sentimental e de irreparável perda. Seria isso uma mistificação da morte? Considerando que temos 800 mil suicídios ano, que eu entendo como rejeitar a vida, ou preferir a morte como se a vida fosse um suplício infinitamente insuportável. Difícil dar até a definição para isso. Mas vivenciamos constantemente, como realidade absoluta. Mas é uma realidade incógnita, não é?

Partindo deste raciocínio, será que não devemos começar a pensar que a morte é uma simples consequência de estar vivo e que é verdade absoluta? Porquanto deveríamos considera-la como simples fato normal do cotidiano, sem dar-lhe um sentimento doloroso e profundo como o damos? Poderíamos considerá-la que aconteceu a pronto! Por questão ambiental, incineraríamos para mais fácil voltar ao pó e incinerando junto o doloroso problema, ao invés de dias ou anos de lamentações incontidas pela perda? Seriam só uma questão cultural as lamentações? Talvez! Em certas culturas, para gerar o fim da seca e a volta da chuva, sacrificava-se grande número de crianças, um verdadeiro holocausto, só para obter chuva. Seria isso renunciar ao sentimento? Seria louvar a morte? Que fé seria esta que em meu benefício me autorizaria

matar inúmeras pessoas? Os antigos hebreus, faziam o holocausto como expiação (purificação de crimes ou faltas cometidas), teriam eles sentimentos? Os terroristas teriam sentimentos? Dá até para pensar que o sentimento é simplesmente uma questão cultural, não dá? Mas não consigo aceitar!

Com relação a covid 19, os cristãos por certo pensarão, que simplesmente estamos colhendo o que plantamos. A fé nos induz a aceitarmos como castigo de Deus, pelo nosso péssimo comportamento na terra. Como você leitor vê isso?

E como maioria dos humanos, onde me incluo assim pensando, não podemos descartar a fé! "Não sei o que diz a história do pensamento em relação a estas reflexões, tragédia talvez?".

Eu fui criado numa cultura totalmente sentimentalista, me faz bem e assim a preservo. Me considero absolutamente incapaz de renunciar ao sentimento e a fé. Também não consigo me afastar da curiosidade de entender o misterioso sapiens. Finalmente o que somos? Estaremos realmente inseridos no plano de Deus? Ou seremos a covid 19 do plano? Dá até para conflitar a própria forma de pensar, não dá? É o mundo louco que criamos e em que vivemos, nos resta a mudar para sairmos de nossa própria armadilha!

Reflexões sobre o tema serão bem-vindas ao jornal. O leitor tem todo o direito de discorda de tudo o que penso, escrevo ou faço. Mas entenda que não afirmo nada sobre o tema. O tema tem o objetivo de provocação ao o leitor ou a mim mesmo, para voltarmos a pensar. Isto está em desuso no mundo. O interesse imediato substituiu o ato de pensar que por caminhos abreviados podem nos levar ao precipício.

N. Palma

A FALÊNCIA DA DEMOCRACIA BRASILEIRA

Por Leandro Ruschel

Antes de falar sobre democracia, precisamos defini-la, já que se trata, talvez, da unanimidade menos inteligível existente. Falar mal da democracia virou, praticamente, um pecado secular. Num primeiro momento, podemos definir democracia como o governo do povo. Soa bem. Definição suficientemente vaga para gerar apoio generalizado dos incautos, explorados pelos demagogos. Mas, deixemos o cinismo de lado. Vamos detalhar o conceito na sua manifestação mais benigna: democracia é um sistema de governo onde o poder é exercido pelo povo através de seus representantes eleitos livremente, que votam as regras pelas quais tal povo opera, onde há garantia de certos direitos humanos básicos, como liberdade de expressão, de culto, associação e propriedade privada, onde todos são tratados de forma igual diante da lei e há a liberdade de prosperar por livre iniciativa.

O Estado de Direito decorrente desse arranjo, nada mais é do que a imposição das leis, de forma justa e igualitária. Aristóteles tem uma definição mais negativa de democracia. Para ele, a democracia representa uma espécie de ditadura da maioria. Em outras palavras, quando o povo detém o poder de fato, ele pode utilizá-lo para saciar seus piores instintos.

Pense em assalto ao direito de propriedade em nome da "igualdade", além do afrouxamento de regras morais em nome da "liberdade", da condenação daqueles que produzem riqueza e a idolatria dos malandros. Por outro lado, ele chama um regime onde a maioria manda para o bem de todos, buscando um nível moral mais elevado, de politeia, conceito traduzido por Cícero como res publica, "bem público", a nossa República. Fica claro que muita gente usa o termo democracia, quando na verdade está se referindo a um regime republicano.

De qualquer forma, feita essa introdução etimológica, podemos usar o termo "democracia" na sua manifestação republicana, por assim dizer.

Podemos afirmar, sem dúvida alguma, que não temos um regime democrático no Brasil. Em primeiro lugar, não há de se falar em eleições livres num sistema de tal forma complexo que poucos representantes são eleitos pelos votos dos representados, mas sim por um associação entre votos no partido e no candidato; dependo do local que você habita, o seu voto vale mais ou menos em representação. Além disso, os candidatos, de uma forma geral, não apresentam suas ideologias, para que o eleitor possa votar em quem de fato represente as suas ideias. Os partidos apresentam uma verdadeira salada de frutas ideológica, onde o único objetivo em comum é alcançar o poder e dele se locupletar.

Há um agravante: o próprio sistema de votação, eletrônico, é passível de fraudes. Quando os representantes do povo decidiram, de maneira correta, melhorar esse sistema, criando o recibo de voto impresso, a Justiça resolveu impedir tal mudança.

Mais, as dezenas de partidos existentes recebem verbas públicas para fazer suas campanhas, estabelecendo uma esmagadora vantagem sobre aqueles que estão de fora do usual jogo de cartas marcadas, já que as doações pessoas são limitadas por lei. Se um cacique partidário não gostar de um candidato, ele não conseguirá nem mesmo concorrer, pois não há candidatura avulsa.

Depois de ter que escolher entre nomes pré-selecionados pelos partidos de sempre, o eleitor observa seus representantes eleitos, seja a nível municipal, estadual ou federal, se debruçarem ao trabalho de tirar o máximo benefício próprio do cargo, de forma legal e ilegal. Ou seja, nesse sentido, temos a definição aristotélica de Oligarquia, o governo de poucos em benefício deles próprios.

Na busca de vantagens, manutenção do poder ou dinheiro mesmo, os representantes não estão sozinhos. Eles têm outros setores da elite ao seu lado, prontos a se beneficiarem de crédito, contratos e verbas de todo o tipo para repartirem com os seus sócios no poder, como bem demonstrou a Lava Jato, usando como base o aumento sistemático de tributos. Regras são criadas para beneficiar quem participa do esquema, e impedir que eles sejam ameaçados por novos entrantes no mercado. Segundo Palocci, foram centenas de milhões de reais em propinas para que o governo aprovasse uma série de medidas provisórias, prontamente aprovadas pelos parlamentares, cada um deles regiamente pago pelo esquema. Tal arranjo pode ser chamado de "capitalismo de compadrio".

Obviamente, todo esse esquema só pode funcionar se o povo estiver minimamente contente com a sua própria situação, mesmo sendo enganado pela elite, já que temos a cobrança de impostos altíssimos com a entrega de péssimos serviços em retorno. Mas, na democracia ilusória, receber um Bolsa Família ou um financiamento Minha Casa, Minha Vida, parece ser um grande negócio.

Tais ilusões são mais fáceis de serem mantidos em momentos de ciclos econômicos positivos, como aquele que Lula atravessou no início da década passada. Em tempos de bonança, você pode se endividar e comprar a felicidade geral da nação, com bilhões para os sócios no poder, e migalhas para as massas.

Mas, como diria Thatcher, o socialismo acaba quando acaba o dinheiro dos outros. Foi exatamente quando a bonança acabou que a conta chegou, favorecendo as condições para que as células ainda saudáveis da estrutura política do país pudessem expor toda a podridão do sistema, corrompido até a medula. A crise econômica resultante da ilusão econômica produzida por Lula foi tão intensa que tivemos uma década perdida, enquanto o mundo inteiro cresceu. A marolinha virou um tsunami que engolfou toda a sociedade brasileira.

Justamente por estar quase completamente corrompido é que o sistema se manteve de pé. Várias figuras importantes caíram, como o próprio Lula (líder político da quadrilha), e Odebrecht (líder empresarial da quadrilha), além de vários outros. Mas um número ainda maior de bandidos manteve a sua posição na estrutura do poder. O próprio projeto gramsciano de poder, colocado em prática pela esquerda brasileira, garante o controle da máquina pública mesmo com uma derrota eleitoral.

Toda a indignação popular foi canalizada na última eleição presidencial para um candidato que não participou, ao longo da sua vida, dos esquemas expostos pela Lava Jato. Além disso, foi o primeiro candidato em muito tempo a assumir posturas conservadoras, representando a maioria do povo brasileiro. Porém, sem respaldo num partido estruturado, tampouco contando com uma militância organizada, sua posição na estrutura de poder é tênue, já que é visto como ameaça por quase todos em Brasília, que não esperaram nem a sua cadeira esquentar para tentar derrubá-lo, como confidenciou o presidente do STF.

Sem partir para uma ruptura mais profunda num sistema completamente corrompido, o novo governo passou a atuar dentro das limitações impostas pelo próprio sistema republicano de divisão de poderes, pensado por Montesquieu para evitar o totalitarismo, não para manter de pé um regime corrupto, como tem acontecido no Brasil. Numa subversão diabólica dessa ideia, observamos o Senado deixando de fiscalizar o Supremo, que por sua vez, arquiva todos os processos de corrupção de senadores que chegam até a corte. Também observamos o Legislativo chantageando o Executivo para aprovar reformas urgentes ao país. Talvez tenha sido isso que José Dirceu tenha sugerido, quando disse, durante as eleições: "vamos tomar o poder, o que é muito diferente de ganhar uma eleição".

Como diria Thomas Jefferson, não devemos nos revoltar com facilidade, querendo derrubar um sistema estabelecido por motivos fúteis, mas chega num ponto que não há outra forma de viver de forma digna e de haver a possibilidade de dias melhores, sem uma mudança mais profunda.

Ficou claro nas últimas semanas o colapso completo da democracia representativa brasileira e do Estado Direito. Num esforço coordenado, a imprensa se utilizou de vazamento de conversas privadas de membros da Lava Jato para questionar condenações dos corruptos pegos no maior esquema de corrupção já desbaratado na história humana moderna. Utilizando a falsa narrativa de "abuso" de autoridade na Lava Jato, parlamentares votaram uma lei para dificultar o trabalho de juízes, promotores e procuradores na investigação de crimes, não apenas os cometidos por políticos, mas por qualquer criminoso. O Supremo Tribunal Federal, que deveria ser o guardião da Lei e da Ordem, passou a tomar decisões em série para anular condenações e dificultar as investigações em aberto. Ou seja, temos os supostos representantes do povo votando uma lei para se proteger da justiça, que por sua vez, liberta da cadeia os poucos corruptos que foram presos! Como alguém pode ter coragem de chamar isso de democracia?

Em outras palavras, ao querer acreditar na fábula de um sistema corrompido se auto purificar, fomos agraciados com uma situação ainda pior do que anterior: não só temos um sistema podre, mas agora temos novas leis e procedimentos que impedem qualquer limpeza.

O único ponto positivo de tal desdobramento é que a farsa acabou. Agora, não é mais possível usar o argumento da ignorância para justificar o silêncio. O Congresso é formado por uma maioria de corruptos. O STF opera para proteger tais corruptos e outros integrantes do esquema. A imprensa, corrupta, trabalha para justificar tais decisões, ao invés de denunciá-las.

Ou se parte para exigir a refundação do Brasil, com a retirada da vida pública, para sempre, dos bandidos que nela operam, ou há dois caminhos possíveis: a melhora da economia gera a volta do teatro, numa espécie de fantasia voluntária, ou teremos um estado crescente de revolta, que exigirá do sistema corrupto um nível cada vez maior de repressão, como aconteceu na Venezuela. O desejo repressivo já está dado, como o inquérito ilegal e imoral, aberto pelo presidente do STF, com o manifesto objetivo de silenciar críticos e até mesmo de censurar a imprensa que se nega a participar da farsa em marcha. Até mesmo medidas positivas,

como a Reforma da Previdência, só avançam pela expectativa de melhora da economia e diminuição de pressão sobre os políticos. Mesmo assim, aos trancos e barrancos.

No final, tudo dependerá da postura dos militares. Se eles toparão participar desse teatro, até o ponto de ter que reprimir a população em algum momento, partindo para uma ditadura escancarada, ou resolverão participar de um processo de refundação do país. Há muitos fatores em jogo, que não dependem apenas da situação econômica interna, mas também da situação internacional; por enquanto vejo como cenário mais provável uma acomodação no curto prazo, escondendo, por mais algum tempo, como numa panela de pressão, o sentimento de profunda revolta de parte significativa da população, que pode até mesmo ser manipulado, quando explodir, para consolidar a Cleptocracia vigente, talvez a melhor definição do sistema político brasileiro

LAMENTAÇÕES NO MURO

ENFIM, QUEM GOVERNA O PAÍS

Por Nelson Palma

"A teoria da separação dos poderes de Montesquieu, na qual se baseia a maioria dos Estados ocidentais modernos, afirma a distinção dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário) e suas limitações mútuas. Por exemplo, em uma democracia parlamentar, o legislativo (Parlamento) limita o poder do executivo (Governo): este não está livre para agir à vontade e deve constantemente garantir o apoio do Parlamento, que é a expressão da vontade do povo. Da mesma forma, o poder judiciário permite fazer contrapeso a certas decisões governamentais (especialmente, no Canadá, com o poder que a Carta dos Direitos e Liberdades da Pessoa confere aos magistrados).

O conceito da separação dos poderes, também referido como princípio de trias politica, é um modelo de governar cuja criação é datada da Grécia Antiga. A essência desta teoria se firma no princípio de que os três poderes que formam o Estado (poder legislativo, executivo e judiciário) devem atuar de forma separada, independente e harmônica, mantendo, no entanto, as características do poder de ser uno, indivisível e indelegável."

Montesquieu deve estar se perguntando: por que isto não dá certo no Brasil? Para ele deverá ser difícil de entender, pois o espírito político no Brasil não é assim e ele certamente sempre pressupôs que o mundo inteiro seria lógico, como fosse discipulo de Socrates. "Precisa dizer a ele, que a nível dirigentes, o Brasil é um país cuja política ainda está no estilo de "cangaceiros, chimangos, maragatos, farrapos, varguistas, e atualmente reforçado por doriaistas, wiltzenistas, ciristas e bolsonaristas", talvez esteja em jogo até Antonio Cobselheiro (Canudos) cujo propósito era "piedade mística e ódio ao governo". Enfim todo nosso passado, continua igual filosoficamente e dominante no presente, atualizando apenas nomes. Torna interessante que no povo é diferente: não tem maiaistas nem supremistas, também não gosta do congressismo e o bolsonarismo meio a meio. Enfim, o que querem? Deus nos defenda desses "podres poderes", isto é pior que todas as pandemias.!!!!

Isso nunca será harmônico enquanto os interesses pessoais permanecerem. Nesse contesto dá para entender a razão dos nossos três poderes se acharem como governos independentes no estilo cada um por si e meu pirão primeiro, com estilo desarmônico para seus proveitos, portanto um contra o outro, como fossem time de futebol ao estilo fla-flu ou grenal... Enfim parece, se o pau não comer, não tem graça. Montesquieu e Sócrates estão doidinhos tentando entender de onde surgiu esta lógica das lógicas, que também não é hiperdialética, em que o Brasil se inspirou e adotou. UFF!

Está claro que a tendência no atual momento é de parlamentarismo (na marra pelo interesse do Congresso na grana), não presidencialismo, como deveria ser. Com o Congresso que temos, o primeiro ministro seria por certo alguém de linha Eduardo Cunha, por outo exemplo, Ségio Cabral. Qual seria o resultado? Pensem nisso! O povo ainda é mais sábio e com possibilidade de mais honesto que o Congresso, para eleger o governo.

Bem, acredito que dá para entender porque o Brasil está nesta convulsão política, até podendo resultar em uma guerra civil, sem esconder que de longos tempo, por muitos desejada. **Mas não dá para aceitar.**

Esperamos que os três poderes se envergonhem disso e comessem a pensas no Brasil e seu povo, mesmo sem a capacidade de entenderem a separação dos poderes de Montesquieu e a lógica de Sócratas. UFF!

O BRASIL É INGOVERNÁVEL NA FORMA EM QUE SE APRESENTA POLITICAMENTE. SEJA QUEM FOR O PRESIDENTE.

O HUMOR REPRESENTA BEM



Grana e corrupção x legislar e julgar por interesses ideológicos

Beco sem saída.

“LA TROCHITA” CUMPLE 75 AÑOS DE VIDA FERROVIARIA, CONECTANDO PUEBLOS PATAGÓNICOS



El Expreso Patagónico La Trochita, uno de los atractivos turísticos más representativos de Esquel y la Patagonia, cumple tres cuartos de siglo de vida. Exactamente, el 25 de mayo de 1945, tras 23 años que tomó la construcción de 402 kilómetros de vías, el emblemático tren se echó a andar, dejando a su paso una icónica estela humeante. A su paso, abrió camino a un derrotero de historias que conjugan la circulación de la producción con infinidad de abrazos de encuentros y reencuentros y, más acá en el tiempo, paisajes que emocionan a miles de visitantes que a bordo de sus vagones se adentran en las maravillas patagónicas.

La historia de “La Trochita” está ligada a un faraónico proyecto que desde principios del Siglo XX pretendía expandir la red ferroviaria nacional hacia la Patagonia, con un trayecto que anhelaba llegar al sur del sur, uniendo el Océano Atlántico con la Cordillera de los Andes.

El arribo del tren a Ingeniero Jacobacci, Río Negro, en 1917, fue el primer antecedente. Cinco años después, se contaría con la locomotora y los vagones. Pero no fue sino hasta 1945, que la traza completó los 402 kilómetros necesarios para llegar a Esquel, en un majestuoso trayecto de 600 curvas, entre la estepa y la montaña.

En sus primeros cinco años de vida, el Expreso Patagónico “La Trochita” se ocupó para transportar cueros, lana y madera que los productores hasta ese momento tardaban meses en hacer llegar a la costa de Chubut para luego embarcar hacia Buenos Aires.

Recién en 1950, “La Trochita” empezó a llevar pasajeros, constituyéndose en el medio de transporte principal de los habitantes del noroeste de la provincia de Chubut. Entre los años ’60 y ’70, ocupó un lugar central en la vida de los pueblos, cuyas estaciones le veían detenerse y avanzar en sus regulares recorridos.

La reconversión

La posterior proliferación del transporte automotor, principalmente con los camiones y los colectivos, junto a la apertura de los nuevos caminos, fueron apagando su magia y volviéndole prescindente como medio de transporte de carga y de pasajeros.

Tras el cierre masivo de los ferrocarriles del país durante la última década del Siglo XX, fue una osada apuesta de Río Negro y Chubut por no dejar morir a “La Trochita”, la que permitió que se le pueda revalorizar como patrimonio histórico, sosteniendo parte de su recorrido como medio turístico.

Es así que su historia se fue convirtiendo en un atractivo insoslayable para quien arriba por Esquel: participar de un viaje a bordo de sus vagones es una experiencia que une generaciones y conecta relatos de antaño y viejas fotografías, con los nuevos paisajes humanos.

Historia viva

Cabe destacar que la vieja locomotora de 1922 es un testimonio vivo de un medio de transporte central para el desarrollo nacional y particularmente para el poblado de la Patagonia. En Esquel hay un galpón donde se le realizan las reparaciones primarias y en El Maitén está el taller donde se hacen las reparaciones más importantes e incluso la fabricación de sus piezas. Viejos y valiosos planos permiten reproducirlas sin inconvenientes, ya que no hay lugar en el mundo que pueda proveer repuestos de un vehículo tan antiguo.

Otro dato significativo que vuelve pintoresca a “La Trochita” es el tamaño del tren, tanto de la formación como de las construcciones. Se trata de un medio de trocha súper económica: entre riel y riel hay tan sólo 0,75 centímetros.

El vapor disparado al cielo desde la chimenea de “La Trochita”, sus vagones de madera, la salamandra encendida y ese andar entre candoroso y cansino, son historia que sigue marchando, 75 años después; enorgulleciendo a Esquel y la Patagonia, y enamorando a los visitantes que arriban desde las distancias más inimaginables.

Para más información y consultas
Secretaría de Turismo de Esquel
+54 2945 451927/453145/455652
infoturismo@esquel.gov.ar
www.esquel.tur.ar

CAPACITAÇÃO NO TURISMO

Nossa opinião para o êxito de turismo não é boa por um razoável tempo. Possivelmente em final de 2021 comesse a melhorar. A consequência da pandemia, foi desastrosa para economia, isto atingiu a todos de forma traumática e a recuperação deverá ser lenta. Não estou aderindo ao famigerado pênico, estou querendo mostrar que a vida, inclusive econômica, tem fases, estou querendo mostrar que "quando a dor de não estar vivendo for maior que o medo da mudança a pessoa muda". Esta referência faço para o Abraão especialmente, que precisa urgentemente entender que se produto é o turismo e o turismo é formado por seres humanos sensíveis a atentos ao que buscam e da maneira mais cortês possível é o que ele busca. Se ele sair da ilha insatisfeito é imensurável o estrago que ele fará, dando informações negativas. Aqui algumas empresas ligadas ao turismo desenvolvem um trabalho perfeito e agradará ao nosso visitante. Mas o maior número quer explorar o visitante, tirando seu proveito momentâneo sem importância às consequências. Outro fator extremamente negativo, é a oferta de serviços no cais e ruas. O turista detesta isso e lhe dá a impressão de sociedade desentendida e não é o que ele busca. Infelizmente o Abraão está nivelado por baixo e sobre esta questão já nos desgastamos muito para mudar, mas esbarramos sempre com a prefeitura, que é de pensamento medíocre em turismo. O secretário de turismo, via de regra, sempre foi cargo para compadres, não para competentes e com visão cultural em nossos próprios produtos, não em trazer enlatados inoportunos do mundo contemporâneo, isto tem demais em toda a parte e o turismo busca o diferente. Seguindo este pensamento, a prefeitura obviamente será favorável ao desastre da postura em todos os sentidos, onde se inclui as ofertas de serviço fora dos estabelecimentos para este fim. Isto pode render votos.

Portanto temos que nos reinventar no pós pandemia, se quisermos ressuscitar. Tudo estará na mão do empresariado, para crescermos ou falindo totalmente.

Um número razoável dos niveladores pela má qualidade, é certo que não gosta do que estou escrevendo, mas alguém tem que dizer as razões que nos lavam para baixo ou para cima, se é que entende "o encima e o embaixo".

Saibam que nós vivemos bem economicamente até a pandemia, não pela qualidade do serviço, mas sim pela qualidade do que nos oferece a Ilha Grande como lugar especial. Nossa natureza, a visão cênica que envolve o mar e a montanha, os passeios em trilhas ou mar. Tudo isso gera um estado de espírito que encanta o visitante. Mas todo a atenção será pouca para não perdermos este encanto.

ESPERO QUE O TRADE EMPRESARIAL ACORDE PARA ISSO!

N. Palma



RETOMADA DO TURISMO NO BRASIL DEVE OCORRER ENTRE JULHO E AGOSTO

Mariana Aldrigui analisa a atual situação do setor e vê a possibilidade de um legado positivo a partir

Por Jornal da USP

As atividades econômicas ligadas ao turismo foram as primeiras a sofrer as consequências da pandemia do novo coronavírus e devem ser as últimas a se recuperar. Mariana Aldrigui, professora do curso de Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), comenta implicações da crise e projeta o futuro do ramo pós-pandemia em entrevista ao Jornal da USP no Ar.

Analisar relatórios de países que estão em estágios mais avançados da pandemia permite projetar a retomada do setor no Brasil. Considerando cidades da China, que estão "vírus free", quatro meses após o início do isolamento, a professora avalia que a recuperação deve acontecer entre julho e agosto. "Mas, claro, isso irá depender da adesão do consumidor, que inicialmente deve fazer viagens curtas, turismo doméstico", pontua Mariana.

Apesar da previsão, os danos já sofridos pelo ramo são enormes. O mercado de transporte aéreo teve queda abissal, bares, restaurantes e hotéis, proibidos de receber pessoas, também vêm sofrendo as consequências. Por isso, a fim de evitar perda completa, essas atividades vêm buscando se recolocar no mercado, a exemplo das companhias aéreas, que vêm ajudando a transportar equipes médicas e fármacos.

Medidas tomadas em vários países, que já estão em recuperação, demonstram que o retorno dessa atividade deve registrar o nascimento de um turismo mais seguro. Na China, por exemplo, viagens aéreas vêm contando com controle de temperatura de passageiros e outros testes; já a Emirates, empresa que opera em Dubai, desenhou uma estrutura para garantir que ninguém com sintoma de doença transmissível embarque. "O fim da pandemia marca também o início de uma era mais segura em termos sanitários. Teremos agora protocolos a serem seguidos para higienização em transporte, hospedagem e alimentação, muitas campanhas que ensinem o consumidor a avaliar isso e, possivelmente, um legado positivo desta crise.

A CAVERNA, O SOLILÓQUIO

Por Ricardo Yabrudi

Argumento do artigo:
Este artigo tem o objetivo de apresentar um filme de 11 minutos que está postado no YouTube. Seu título: SOLILÓQUIO. O link está abaixo:
https://www.youtube.com/watch?v=JgMo6IPGuhc&t=218s

Nossas considerações, tema deste artigo, a respeito deste digníssimo curta-metragem são de cunho: existenciais e filosóficas. Estamos passando por um período estranho. Nunca uma civilização como a nossa, contemporânea e avançada tecnologicamente passou por momentos tão drásticos. Por que não tirar proveito de uma situação inusitada e gritante? A filosofia e a grande literatura poderão nos ajudar a compreender e obter sabedoria dos reveses da vida através de analogias. O devir é o que se passa em nossas vidas, como um destino. É apresentado neste curta-metragem de forma trágica, como sempre, e nos remete a surpresas. Só o olhar confiante, em um novo mundo que se transformou, irá nos direcionar para um melhor entendimento dos inusitados percalços que passamos. Só uma análise filosófica da história do homem e suas consequências poderão nos abrir os olhos para um novo olhar da tragédia humana. Devemos tirar proveito dessas tragédias para que soem como uma reflexão do valor da vida. Temos o dever de sempre supervalorizá-la em detrimento de qualquer aspecto. A vida vale mais que qualquer coisa.

O cinema, nosso tema, aliado a duas magnanimidades, a filosofia e a literatura, é a sétima arte que desponta. Esta arte às vezes confeccionada de forma muda se mostra, algumas vezes, na forma de poucas palavras. Nega com comedimento, a princípio, o logos, a palavra, com sua imagem através de uma mímica, em um solilóquio, principalmente com gestos. Economiza com esse efeito, um turbilhão de palavras em alguns instantes - que é Apolo, o "dran", a ação. Contudo, o cinema moderno, se apoia na música, como pano de fundo - é um tímido Dioniso. Entretanto, através de reflexões filosóficas, ao ver o filme, estaremos exercitando uma sabedoria que foi ofuscada, com uma neblina que o dia a dia embaçou - uma espécie de realidade velada. Agora, atrelados aos nossos pensamentos, suportados pelo pilar da soledade, a solidão do homem volta a lhe interrogar e fazê-lo voltar ao seu interior, à sua caverna, ao seu lar espiritual, calcado na reflexão obrigatória de um solilóquio.

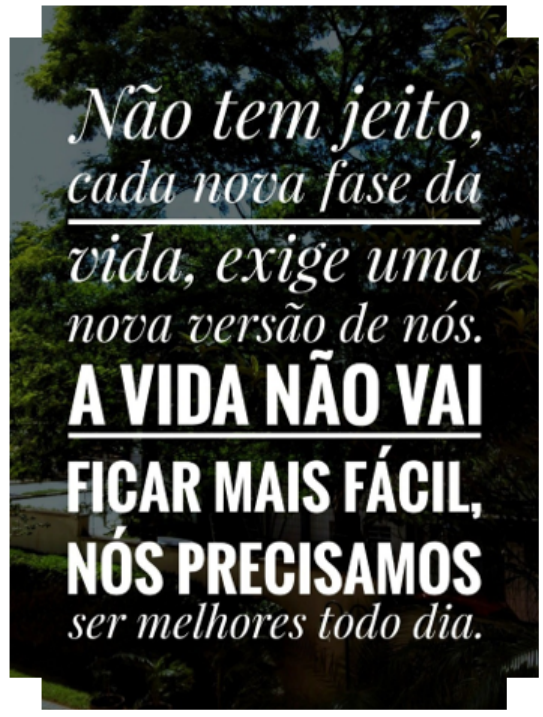
O FILME DO SÔ-BENÉ, O SOLILÓQUIO DE NIETZSCHE

Esse é o homem de bárbara, o super-homem, o solitário, o apresentado no curta-metragem. A solidão Benéfica é a que permanece na caverna ruminantemente no seu emudecimento, em seu pensamento, aspirando a liberdade da sabedoria do super-homem. A visão do aprisionamento revela ao homem, sua liberdade, que oferece o tempo para este refletir e pensar. A vida é um solo, voo solo. Ela é a primeira de um piloto, só, nas alturas, com sua nave sem o instrutor (o antigo mestre), somente ele, como uma águia. Bené, o protagonista, se prepara para seu voo solo ao final do confinamento. Agora se prepara para a nova vida, a vida do futuro super-homem, novo-homem, transformado, refletido. Tal qual o pássaro, a águia, alçara seu voo solo. Sempre solo. Nu. É o Pensamento solo, solilóquio. O homem, o santo, agora está com a alma santificada pela soledade.

A vida civilizatória embaça o pensamento, neblina e bruma que confundem o homem. É uma roda de fogo que gira Íxion, qual um castigo. Bené dança para o pássaro, sua plateia, seu delírio. Tal qual Zaratustra que convida aos que tem pés ligeiros, pés de bailes, o homem da gaiola, o do filme, se sente feliz com seu solilóquio porque dança a melhor dança, aquela solo, sozinho, com os pés arrastando seu desgastado chinelo.

O homem bárbaro, o de Bárbara, se torna outra vez primitivo, porque olha a lua envolta em neblinas, essa que esconde a sabedoria. Um mergulho no passado, na arquitetura da caverna, o faz o primeiro homem e também o último porque foi presenteado com o convite a pensar. Lá fora, enquanto o homem da civilização turva sua sabedoria, ainda não conquistada, não possui o bom aproveitamento do tempo - aquele que Sêneca apregoou, mas, agora o tem para incubar sua sabedoria através da reflexão. Os enganos da vida fora da caverna, que era agitada, lhe turvavam os olhos, num triste velamento. Nietzsche, na sua obra "Zaratustra", convida o homem à volta para a caverna, seu primitivo lar. Sócrates, seu opositor, prefere o romper dos grilhões. Seu mito da caverna, nas palavras de Platão é diferente, é o moral e racional. Sua república é a do sol. A de Nietzsche: a do Super-homem - é a da caverna escura. Sô-Bené diz ao pássaro, o Belga: "Agora te entendo". - Sou o dançarino das antigas canções da minha época. Danço para suas asas, que agora compreendo e as tenho também, porque agora podemos voar.

A alma de um homem está só
Sempre está afastada pela neblina,
Agora retorna ao corpo
Se alegra porque encontrou seu amor próprio:
O homem da caverna.



MEMORIAIS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA

MEMORIAL DOS PALMA

"Como publicamos em números Logo anteriores, este jornal dedica mensalmente algumas páginas, a quem desejar escrever sobre a imigração italiana. Sua cultura, sofrimentos e glórias. Será sempre bem-vindo e pode ser em outro idioma, conforme for conveniente a quem escreve".

NESTA CASA NOS CRIAMOS E NOS EDUCAMOS, POR ISSO SEU VALOR EMOCIONAL E IMENSURÁVEL.

"AQUI PASSAMOS A NOS REUNIR TODOS OS ANOS, CRIANDO ASSIM UMA ATMOSFERA DE PARENTES QUE SE AMAM, SE ADMIRAM ENTRE SI E DENTRO DE UMA FORMA SIMPLES DE VIVER, COMO ÉRAMOS NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA". SINTETIZANDO: AI É O NINHO DA LEMBRANÇA DOS BONS MOMENTOS!



VISITE NOSSO SITE: memorialdospalma.com.br, se possível comente, ou procure "Memorial dos Palma" na internet e clique nas imagens, assim você terá uma ideia melhor do que somos e como somos. Você estará nos ajudando manter viva nossa cultura. É um "upgrade" á nossa perseverança nesta empreitada. "Temos que alinhar as veredas tortuosas para encurtar a distância", para isso temos que unir forças participando.

Nosso memorial foi construído, como nossa contribuição na ajuda a manter viva a memória da imigração italiana. É uma história fantástica de luta entre glorias e percalços, cujo somatório foi favorável às glorias. Nós os dez irmãos fazemos parte da história, como história viva, por sermos ascendentes dessa imigração. Todos longevos, mas saudáveis, divertidos e atuantes como poucos. – SEMO ANCORA TALIANI.

Vejam como ficaria traduzido para a língua italiana. Não a língua veneta, nosso Talian. Há extrema semelhança entre elas!

"Il nostro memoriale è stato costruito, come il nostro contributo per aiutare a mantenere vivo il ricordo dell'immigrazione italiana. È una storia fantastica della lotta tra gloria e disavventure, la cui somma era favorevole alla gloria. Noi, i dieci fratelli, facciamo parte della storia, come storia vivente, per essere l'ascendenti di questa immigrazione. Sono tutti longevi, ma sani, divertenti e attivi come pochi altri. – SEMO ANCORA TALIANI".

SUGESTÃO - Fradei: son ndrio scoltar a tutti.

COMEMORAÇÃO DO 2º ANIVERSÁRIO DO MEMORIAL:

16 E 17 DE JANEIRO DE 2021.

Que tal a proposta? Necessitamos de aceitação pela maioria. A ideia é realizá-lo nos mesmos moldes do anterior. Usem o e-mail do jornal para comunicação: oecojornal@gmail.com "COSI SIA"!

A sugestão pode incluir os aniversariantes de dezembro e janeiro para fazermos um bolão, cantarmos parabéns bem sonoro (não vale cantar: "vou comer seu bolo"), enfatizando a festa e quem sabe manifestações no palco. VAMOS PENSAR NISSO? Acredito que a meninada já pulou de alegria e se sentiu participante (o JUN pode coordenar a criançada... hehehe), mama mia!

- Mas só para lembrar um pouco da festa passada. Nela voltamos um século nas raízes. Comemos e falamos sem cerimônia e sem limites, assim como éramos no princípio. Oxalá seja: OMIA per in cécula ceculorum, amem.

Por mais longe que pareça, o latim faz parte de nossas raízes, pois a missa era em latim. Na minha infância, também o teço era assim rezado. Lá no nono Belusso, todas as orações eram em latim e a nona era a "padra".

FOTOS DA FESTA DE 18 DE JANEIRO 2020, PARA NÃO MENTIR E ESTIMULAR A PARTICIPAÇÃO.











Que tal a animação? ENTÃO MÃOS A OBRA!

Mas quanto a festa temos que admitir que somos estravagantes. *Madona, semo próprio stravaganti.*







PITOSTO FIGHE (storie al sciantiso)

EL UOMO FREDO E LA DONA CALDA E CATIVA

Lá dona gera cativa par che el su marito fava el amore una volta a la stimana. E lu sempre chiuso a le parole e anca non se inrabiava. Lora La dona se gà inrabià e lo gà menà al zoològico, par mostrarle come le bestia fava el amore. Al rivar, trova suvito i macachi (moni) e la dona domanda al funcionário: infra cuanto tempo fá el amore sti macachi? – Tuti i giorni dese el funconário! - Dise la dona: vedi come lo fá tuti i giorni. El marito tase. Lora và al rinoceronte e ela domanda: ogni quanto tempo fá l'amore sto bestion? - Due volte al ano dise! - El omo gionfa el peto deze: varda sol!!! – la dona: si... però, varda che el gà corni in fina su el naso!!! Parteno a nantro posto e trova el toro. – La dona: ogni quanto tempo fá el amore questo toro? - - Tute le hore dise! – La dona: vedi come ze brao? – El omo domenda: con la steso vaca? – Nóooo! Dize el funcionario. – El omo: cosi ze fàcile far la more!

Sobre o Pitosto Figue:

O Pitosto é uma figura pitoresca, de cunho satírico, gosta do inusitado e brega, é crédulo e cético simultaneamente, otimista diante de qualquer desgraça mesmo sendo o covid 19, "viver a emoção de viver", é como fundamental à sua existência na terra. Usa seu próprio nome como protagonista de suas próprias piadas. É o segundo sapiens mais raro do mundo. Há quem diga que ele nunca existiu, mas é muito discutível. Tá sempre dando pitacos. Sopra tutto strano che un svedese, scrive e parla vêneto. Ricordate: Pitosto ze svedese.

TRADUÇÃO PARA O ITALIANO. Observem que não é o nosso vêneto.

Informazioni su Pitosto Figue:

Pitosto è una figura pittoresca, di natura satirica, ama l'insolito e appiccicoso, è credulone e escetrico allo stesso tempo, ottimista di fronte a qualsiasi sventura anche se sia il covo 19. "Vivi l'emozione di vivere" è fondamentale per la sua esistenza sulla terra . Usa il suo nome come protagonista delle sue stesse battute. È il secondo sapiens più raro al mondo. Alcuni dicono che non è mai esistito, ma è molto discutibile. "Sopra tutto strano che un svedese, scrive e parla vêneto". Pitoso è svedese.



Me piase le done cative, bem brontolone, parque me fà girar la testa!

Obs: a ironia aos costumes, com o subjetivo mal intencionado, sempre participou do humor vêneto e no talian fortificou-se somando-se aos hábitos brasileiros de zombar dos costumes da moral. Dá para ver até no sobrenome, especialmente do Pitosto. Perfeita ironia à moral.

Obs: l'ironia per le usanze, con il malizioso soggettivo, ha sempre partecipato all'umorismo veneto e al talian si è rafforzato aggiungendo alle abitudini brasiliane di deridere le usanze, specialmente quelle morali. Puoi persino vedere il cognome di Pitosto. Perfetta ironia della morale.

CONTINUANDO NOSSA CULTURA...
(Semo ancora taliani)

Bem, vamos dar continuidade a história de Nanetto Pipetta, que encontramos na internet, escrita por Silvino Santin - Santa Maria, 13-03-2007. Publicaremos por partes. Esta literatura vêneta, muito simples é a própria cara do nosso imigrante vêneto.

LITERATURA VÊNETA (Par svodar un poco la depression dela gàbia ndove el corona gà messo a tuti nantri. Scrivemo questo mese la storia de Naneto al fine, par gavermo cosa da lèdere um mese intiero. Spetemo que la gàmbia se finisse al pròximo mese. "Dio santo, i taliani bestema daromai".

Continuaremos com a capítulo XXIX, da história de Nanetto Pipetta, até o FINAL da história.

XXIX - SCIOPE PRONTE E CARTUCI CARGHI

Intanto che i tre, Narciso, Giulieto e Nanetto i gera lì che i parlea sora i mareconi, riva Genarino, che'l vegnea su de la cantina, con un bel litro de vin, meda formaia e un salame, el ghe dimanda – cossa sio drio parlar così basseto. Ah! pupà, come Giulieto el ze stufo, co la testa piena de leder libri e vardar robe vece, ghe gavemo proposto na cassada de mareconi e, par quel che'l me

ga dito, l'è disposto. Nanetto el ghe donta: adesso gavarìino voia de saver se vu e Gugelmo volì ndar insieme, senò mi go paura che ghin copemo pochi. Genarino el va a la finestra e el osa: ciò, compare, vien qua che gavemo bisogno de ti. Gugelmo el riva tuto spaurà e el dimanda cossa ghe zelo capità? No vui gnanca pensar in disgràssia. Narciso lo calma e el ghe dise: no ghe ze gnente de disgràssie, el manco par nantri. Ze che volemo, diman matina bonora, ndar a mareconi. E come vu sì el meio tirador de Novo Treviso, volemo che ndì insieme. – Ma no ocor gnanca dimandarme du volte, vao suito casa rangiar la sciopa e cargar i cartuci. Se volì mi go anca un s-ciopeto, fursi par Nanetto el pol servirghe. – Cossa volio che ve disa, sior Gugelmo, go idea che me toca ringrassiarlo, mi no go mai doparà un s-ciopo, né grando né pìcolo. Par dir la verità, sol na volta, prima de squasi negarme in tel rio dea Zanta, me gavea comprà na pistola par sinque fiorini par via che un sassin el volea robarme i soldi e spacarme la testa in due tochi. La gera pròpio na pistola bravìssima, la copava sensa fare pum. – Come cossì, el ghe dimanda Gugelmo, che ncora no'l cognossea polito Nanetto. – Giulieto che'l savea tuta la stòria, el ghe ga strucà de òcio ai altri e el ghe dise a Nanetto, come vuto che i lo sàpia se ti no te ghe lo ghè contà. – Eco, bela fadiga, assè che ve conte in tre parole. Un giorno, mi ndea via par la strada, quando go visto na vècia, la me parea la mama del sassin che'l volea coparme. Go tirà fora la me pistola ghe la go piantà soto el naso, e sensa fare pun, la vècia la ze cascà par tera. E mi son ndà avanti sicuro che gavea copà so mama dei sassini. Ma, poareta, no la gera mia la mama dei sassini, la gera na bona veceta. Par sorte no la ze mia morta dal tuto. La gavea sol perso el fià del spaventon. Par finirla ben, i so fioi i la ga tolta su e portà casa. Mi, sensa sorte, me gavea fermà, giusto in te la casa de un dei so fioi par dimandarghe aqua da bever. Pena finio de bever un caneco de aqua, riva la veceta, ncora fora dei sentimenti, ma suito che la ga ressussità, co la me ga vedesto, la ga dito: ze quel li el sassin che'l volea coparme. E mi, via par la pi curta. A tuta carera go ciapà la strada e go coresto fin che no go pi sentio gnente. Fin i soldai i volea ciaparme par meterme in preson. Ma fin incó no i me ga ciapà. E pò mi no son mia un sassin. Come vedì, mi no gavea copà nissuni. Ricognosso che go fato un sbàlio e ghe go mancà el rispeto a na bona vècia. Se un giorno la trovo par strada, ve giuro, me indenòcio e ghe dimando scusa. Tuti i lo ga scoltà sensa dir na parola. Piampianeto i savaria che la vita de Nanetto la gera piena de braure, no ocorea maraveiarse, lu el ze pròpio così. Brao, Nanetto, el dise Giulieto, me piase che te conti sempre la verità, ma la to stòria la ze diventà longa, altro che tre parole, te ghè parlà squasi diese minuti. Te me someii quei de la univesità. – Mi go idea che semo tuti d'acordo, el dise Genarino, lora diman a le quatro e mesa partimo, parché bisogna esser a posto vanti el spontar del sol. – Si, ma ndove ndemo cassar? El vol saver el so compare. – Ben, el ghe risponde Narciso, gavemo pensà da ndar fin a Polésine in te la risera del zio Abramo, ma se ocor, podemo ndar anca in te quela del so neodo Dante, che la ze lì tacada. Tuto combinà. Gulgemo el ze ritornà casa sua. Genarino, so fiol e Nanetto, dopo sena, i ze ndai do in cantina cargar i cartuci. Nanetto el gavea caro de imparar. Giulieto el ze ndà dormir. L'era pròpio stufo.

XXX - LA CASSADA DE MARECONI

La sveia li ga desminsiai a le quatro. Gugelmo romai l'era lì fora che`l spetea coi so tre can. I ga fato ora bever insieme na cichereta de cafè con la graspa, un costume che Generino lo gavea eredità de so pare e del nono. El disea che quando el morisse, prima de menarlo al semitèrio, che no i se smenteghesse de pararghe do el so cafè co la graspa. Par la colassion i se ga portà drio un paneto de pan, due salami e due litri de vin. Intanto che`l motor del auto el se scaldea, Gugelmo el ga comodà el so panson davanti, i altri tre i se ga sentà de drio e i can li ga messi rento el bagasero. La strada la gera boneta e anca i gera solche quìndese chilòmetri. A le sinque i gera pronti par scominsiar la cassada, che manchea postarse e spetar i mareconi che i se desminsiesse e in vegnesse magnar riso. Da qua avanti chi comanda el ze Gugelmo. No ocorea gnanca darghe l'autorità, lu el se la meritea, se pol dirlo, che l'era un dotore in cassade de mareconi, e, anca el cognossea coi oci sarai i posti de scónderse. I gera tre, batedai de primo, secondo e terso. El posto secondo ze el meio, lì stao mi che, come savì, go na pontaria meio. El fiosso Narciso, che'l ga le gambe nove, el va là via tel posto primo, e el se mena drio el meio can, el Tigre. El posto terso, el vansa par ti, compare Genarino. – E mi, dise Giulieto, me meto soto quela timbauva e vardo la cassada. – Par Nanetto mi go un laoro, sicuro, se'l vol. – E parché nò, son vegnesto qua par cassar e nò par sentarme soto na pianta, come certi altri. Ma Giulieto no'l ga sentio parché l'era belche ndà sentarse. – Cossita che me piase, el ghe dise el omo del panson. Lora ti te ciapi sti du can, el Totò e el Códega, e te vè là in medo quele masseghe. Quando i mareconi i riva e nantri scomissiemo molar tiri, a mesura che i mareconi i casca, e cossì che nantri se fermemo, te moli i can che luri i va catar su i mareconi, lora ti te li ciapi e te li meti rento el saco. Par dir la verità, i can i savea far el laoro sensa le òrdine de Nanetto. El sol no`l gera ben spontà, quando na nùgola de mareconi i vien pacìfichi. Nanetto, al sentir tiri de tute le bande, el se buta do in medo le massaghe. Sol quando no'l ga pi sentio tiri, el alsa la testa e i can romai i fea el so laoro, l'è restà imbaucà al veder rente lu un mùcio de mareconi. Quei medi vivi, lu el ghe tirea el col. Meda ora dopo, finio de catar su mareconi, i can i se buta do chieti, Nanetto el ga fato lo stesso. Bisognea spetar el ritorno dei mareconi. Se vedea che chi savea cassar i gera i can e nò Nanetto. Passà un bel toco de tempo, riva nantra nùgola, ncora pi granda, de

Aquiles Bernardi

La Vita e Stòria de Nanetto Pipetta (Vida e História de Nanetto Pipetta) é uma narrativa de autoria do frei Aquiles Bernardi, publicada originalmente em forma de folhetim pelo jornal Staffetta Riograndense entre 23 de janeiro de 1924 e 18 de fevereiro de 1925.

mareconi. I tiri anca i ze stai pi fissi. Sta olta Nanetto no'l se ga spaurà. I mareconi che i caschea morti o mesi vivi i gera tanti che anca lu el se ga metesto giutarghe ai can. No le gera gnanca le nove, e romai i gavea impienio due sachi e ghin vansava un muceto. Gugelmo el osa che la cassada la gera finia. I ghenavea copà fin massa. Intanto che i magnea un bocon e i bevea raquanti sorsi de vin, Nanetto el ga contà cincoanta oto mareconi. Sensa tanta dimora i ritorna a casa, ma prima i passa là de Abramo, el paron de la risera, par assarghe un par de mareconi e invitarlo par doménega de mesdì ndar magnar mareconi a Novo Treviso, e Narciso el ghe dise in te la récia, parché nissuni i scoltesse, gavaria caro che ndessi parché mi e la Rosina se metemo le lianse. Abramo el volea che i restesse par el disnar, ma Genarino el ga dito che saria meio ritornar suito, parché ze meio pelar i mareconi ncora caldini.

XXXI - L'ERA PI SPORCO CHE I CAN

Quando i cassadori i ze rivai a Novo Treviso no gera gnanca le diese e meda de la matina. El viaio l'era corto, ma bisogna ricordarse che a la matina i ga bio dificoltà par méterse rento el auto, e adesso l'è stà tanto pedo. Con i due sachi de mareconi de compagnia ghe ga tocà muciarse come i podea. Par quela, pena rivai, i salta fora par stirarse el corpo. Nanetto, lu el gera così contento che ghe parea de rivar par na festa. La sorpresa la ze rivà quando i ga molà i can, sol lora i ga visto che Nanetto l'era pi sporco che i can. Ma anca con tute quele tómbole in medo el riso, áqua e baro, no se podea spetar che'l vegnesse fora in meio passi. Narciso, no'l ga spetà due minuti, el ciama due trè tosatei, che i gera vegnesti veder la cassada, insieme i brinca Nanetto pai brassi e le gambe e i lo tra rento el tanche de lavar roba. Cossita el primo laoro l'era stà fato. Adesso bisognea pelar e curar i mareconi. Gente par giutar no ghinà mancà. Romai tuti i lo savea, no ocorea invito né par laorar né par magnar. La Ginoefa, sempre pràtica, la gavea el brondon pien de aqua boiente. E rento l'aqua calda, i poareti oseloni, i ga noà par l'ùltima olta. Nanetto, tuto svergognà, el riva quando romai i gera drio pelar i ùltimi. E Genarino, che'l comandava tute le funsion, co lo vede, bel neto, vestio co la roba de doménega, el ghe dise: – Ma come, Nanetto, doménega ze diman, e così no dà par méterte curar i mareconi. – Mi lo só. Ma cossa volio. Me go portà drio poca roba. Due braghe e camise par la stimana, e questa roba par la doménega. E come la vostra parona, la Ginoefa, la ga lavà un par de braghe, quele che go doparà par giutarghe a Narciso in colònia, e, adesso, quele che go sporcà par catar su i mareconi, me ga tocà méterme su la roba de festa. – Be, lora te dao un laoro de sior. Genarino el ciama so fiosso Pierin, un tosatel su i oto ani, e el ghe dise che, insieme Nanetto, el ndesse tor el nono Minelo, via a casa de Piero Stagnin, so zendro. El nono Minelo el savea come nissuni pareciar mareconi de diverse maniere, ma la so specialità l'era mareconi a mena-rosto. In cosina el gera pròpio un vero maestro, mistier imparà in tel tempo che ghe gera tanti osei, come lu ghe piasea contarla, che se podea ciaparli a sbrancade, sensa sciopetade. Nanetto, tuto contento, parché el volea pròpio parlar col nono Minelo. El varda in torno para ciamar Giulieto, ma questo, romai, l'era su pal monte de la crose. El ga vedesto che ghe tochea ndar a pié. Lora, Nanetto e Pierin i se ga messo in strada. Cossa che i ga parlà In tel poco pi de un chilòmetro, nissuni i lo savarà, Sicuro che Nanetto el ga da vèrghene contà tante de bele e grosse.

XXXII – OSTREGON, DE NDOVE VÈGNITO FORA?

Poco pi de mesa ora, i due caminanti i ze rivai a casa de Piero. El nono Minelo el gera sentà pacìfico sul ària in tel so caregon de sgorlar. Suito che'l vede Nanetto, el ghe osa: – Ostregon, de ndove vègnito fora? Nanetto, sensa serimònie, el va su par la scala e el ghe risponde: – Savì, nono, mi son sempre stà brao par catar bèstie salvàdeghe in medo el mato, lora, par catarve vu qua in medo i monti e drio la strada no l'è gnanca un miràcolo. – Prima de tuto, Nanetto, vui dirte che son contento che te sì vegnesto catarme. E Pierin, ndove lo gheto catà? Son sicuro che te sì vegnesto ciamarme par giutar pareciar i mareconi. – Ma, come zelo che vu lo savì? – A valà, Nanetto, te toca imparar ancora tante cose. Qua in medo i monti, no ocor né ràdio, né telèfono par saver cossa sucede. Par nantri ne basta el vento. El vento el porta, sensa costo nessuno, le novità. Te sè i odori i vien par ària menai pal vento. E, come te me ghè dito, te sì brao par catar bèstie salvàdeghe, lora te ghè da saverlo che tute le bèstie le se goerna par el odore. Cossita semo anca noantri, al manco i pi veci. – Gavì rason. Me vien in mente i can che i cata su mareconi. Ma, adesso che savì parché son vegnesto qua, volaria saver se sì d'acordo e disposto a ndar giutarne pareciar e magnar mareconi. Chi me ga mandà l'è stà Genarino. – Un invito de Genarino, che l'è me fiosso, par mi, Nanetto, diventa un òrdine. Spetemo un poco, adesso el sol el ze massa caldo. Sentete zo. Ti, Pierin, se te vol te pol tornar indrio e dighe a to sàntolo che da qua na ora e mesa, pi o meno, rivarò. E dighe anca che'l scoie i mareconi pi pìcoli par far el menarosto, quando mi rivo li taio su in tochi e li conso. Pierin no'l ga spetà gnanca che'l fenisse de parlar. El va zo par la scala in te un salto, e de tuta carera el ciapa la strada. Par lu, insieme ai tosatei, pelar i mareconi la gera na festa. Nanetto, el dise el nono Minello, mi sò quel che te vol saver, ma prima vui dirte due cose. Mi romai go passà via i otanta ani. Go slevà, insieme la pora vècia Gìgia, morta da due ani, quìndese fioi. In tel scomìssio, se ga caro che i se maridesse e i ndesse far la so vita. Ma a mesura che la casa la se svodea, vegnea voia de tegner i ùltimi. Questa la ze la casa de la fiola pi zovena. E mi, dopo la morte de la Gìgia, me piase star depì qua.che a casa mia, ndove ze da star el fiol pi vècio. Adesso varda quei bei monti lì davanti. In tel scomìssio, quando i primi taliani i ze rivai, se vedea, da par tuto, bele e grande piantassion de formento, mìlio, fasoi e anca bei vignaloti e frutari. Adesso no ghe ze pi gnente. Squasi tuta la gente la ze ndà via. Chi in paese, chi su par le tere nove. Semo restai noantri, i vecioti, e qualche fameia de teimosi, come me fiol Nìsio e la fiola Ciara. Ma lassemo indrio le lamùrie dei veci e ndemo a quel che te sì drio spetar. – Spetè na s-cianta, nono, adesso vui dirve mi na paroleta. Par

quel che mi son drio veder, dopo de esser ritornà de la disparission zo pal rio Dasanta e squasi negà, i taliani i ga cambià tanto, pròpio tanto. Nò sol i ga sbandonà le colònie, la tera che tanto i volea quando i ze vegnesti dal Itàlia. El me ga contà Genarino che fin la religion i ze ndrio trucar. Mi no me la gavaria mai pensà, i taliani trucar de religion. Par luri, no ghe ze pi la Madona, Santantoni, San Giusepe, San Piero e San Paulo, e pó, tuti i santi. La ze come se i fusse morti. Questa no la capissarò mai. Diseme, nono, come capir che un talian no'l ghe crede pi a la Madona, a Santantoni e così via. – Te ghè rason, Nanetto, vedo che anca ti te patissi con tuti sti cambiamenti. Par capirla, che vol tanti sarvei. Ma ndemo a le stòrie. Par ndove vuto che scomìnsie? – Quela dei mandolini la me ga assà piú premoso. XXXIII – El castigo dei mandolini Se no me sbálio, dise el nono Minelo, ti te volei saver come che i mandolini i fa i fiori sora tera e le teghe soto tera. – Eco, pròpio cossita. – La stòria la scomíssia cossì, come ne la ga contà e racontà la mama, a mi e a me fradei co gèrimo picoleti. Un giorno, el Bambin Gesù l'è levà su con un bruto refredor co la fiévera a mila par ora. – Ma come, el interompe Nanetto, no savea mia che anca el Bambin Gesù el se malava. – Sicuro, come nò. Lu el gera come noantri, el podea ciapar de medèsime malatie nostre. Come refredor, mal de pansa, mal de testa, mal de denti… – Fursi anca el cagoto, se el magnesse ovaie bissae. – E parché nò! – Ma, nono, ritornemo ai mandolini. – Lora, come te lo disea, el Bambin Gesù, par via del refredor, l'è restà in leto raquanti giorni. Quando l'è restà meieto, la Madona, so mama, lo menea in volta ciapar el sol, ma lu el parea tuto avelio. – Poareto! el sclama Nanetto. – La Madona, sensa saver cossa far, la ghe dimanda a Dio che la giutesse. E Dio, el so pupà vero de Gesù, el ga comandà ai àngeli che i ndesse dirghe a tute le piantele con fiori che le se tiresse rente la stradeta ndove la Madona e el so Bambin i passesse. Na trupa de àngeli i ze vegnesti zo in tera e i ga comunicà l'ordine del Signor. La matina bonora, la stradeta la ze restada piena de bei fiori e de tute le qualità e colori. Gesù l'è restà tuto contento nantra volta. Pochi i ze stai quei che no i ga volesto obedir. Par esémpio, le teghe dei mandolini che, in quel tempo, le gera tacae ai fiori, no le ga volesto ndar. Le ga dito, nantre stemo ben qua, pacífiche. Valtri fiori, se voli, podì ndar. Lora, sol i fioreti i ga obedio al órdine dei àngeli. Quando Gesù, a la matina, l'è passà insieme a la Madona, el ga visto sol i fiori dei mandolini, sensa le teghe, lora el ga dimandà parché le teghe no le gera vegneste. I fioreti i ga risposto ghe ele no le volea mia disturbarse e che le stea ben ndove le gera. Gesù, che l'era restà contento con tanti bei fiori, el ghe ga dito ai fioreti dei mandolini: – Adesso da qua avanti, fiori e teghe dei mandolini i restarà sempre separai. Valtri, i fiori, che sì vegnesti legrarme, restaré sora la tera par che tuti i ve veda, e le teghe, par castigo, le restarà sconte soto tera par sempre. – Adesso si go capio polito parché i mandolini, de maniera così strana, i ga i fiori sora la tera e le teghe soto tera. Ben che la ghe ze stà a le teghe! – Te vedi, Nanetto, come la ze: i obediente i mèrita el onore e la benedission, ma i desobedienti, i ciapa el so castigo. El nono Minello el se leva su par ndar a Novo Treviso pareciar i mareconi a menarosto. Ma Nanetto el ghe dise: – Nono, ghe manca la stòria de Giàcomo. – Sicuro, no me go desmentegà. Ma bisogna che ndemo, senò rivarò tardi. Questa, che la ze longheta, te la contarò par strada.

XXXIV – SCAMPAR VIA DELE GUERE

Prime de tuto, Nanetto, questo l'è el mio ùltimo dèbito de stòrie. Caminemo pianpianeto, parché la stòria la ze longa e le me gambe le ze mede inrudenie. – Si, si, nono, fè come volì, mi ve obedisso e ve scoltarò con tuto el gusto e l'atension del mondo. – Eco, cossita che me piase. Sempre depì vedo che te sì un bravìssimo tosato, rispetoso e obediente. – Gràssie, nono. Ma ndemo avanti, senò la va longa prima de scomissiar. – Pròpio, te ghè rason, par dirte la verità me toca scomissiar da distante, ben del scomìssio de la migrassion.. In Itàlia, nel tempo de la migrassion, seto Nanetto, ghe gera tante guere. I taliani i barufava intrà de lori, con i tedeschi, i francesi, i austrìachi e fin in Àfrica i fea guera. I zòvani, pori can, el contea me pupà, i moriva come le mosche. Lora, tanti, se raconta, i ze vegnesti in Mèrica e al Brasile par via dela misèria, ma tanti i ze vegnesti par via dele guere. Ben pi tardi, dopo la unificassion del Itàlia, ga scopià le due guere mondiale. El nono de Giàcomo, Renso, l'è morto in te la I Guera mondiale. So pupà l'era picoleto. Insieme co so mama, altri due fradei e una sorela, i ga patio misèrie Passai, piú o meno vinti ani, la Marieta, vedova de Renso, la disea: – Son drio sentir spussa de pólvera e el ribombar de canoni. Fioi, la racomandava, ze meio che ve la tolé. Mi romai son malada e veciota, morirò qua, valtri podì ndar in Brasile, là ghe ze de star un cosin del nono Renso". Questo cosin vien a èsser me pupà. – Pori grami sti taliani, quanto che i ga suferto, el dise Nanetto, comosso. – Pròpio te ghè rason. Ma continuando la stòria. Gioanin, el pupà de Giàcomo, romai el gavea fato el soldà. I podea ciamarlo a qualunque ora. In pochi giorni el se ga imbarcà come marinaio e l'è rivà a Rio Grande. Dopo na setimada, medo de scondion, l'è rivà casa nostra. El giorno drio, ghemo savesto che scominsiava la II Guera mondiale. Gioanin, el se ga disperà, lu el pensea, suito che'l se postesse, mandar vegner la fameia. Ghe ga tocà spetar firnir la guera. El pupà el ga fato tuto quel che'l podea para farghe coraio. Le robe le ze restae ncora pedo parché el goerno brasilian, là par le tante de la guera, el ga tratà i taliani e alemani come nemici. Gioanin, che l'era talian da vero, el ga vivesto sconto. Pi de un ano sensa saver gnente de la fameia. – Maledete guere e maledeti quei che le fa. E póveri quei che i more, sensa saverlo parché, el dise Nanetto, inrabià. – Coraio, Nanetto, ncora no semo rivai a Giàcomo. – Ben, lora ndè avanti, nono. Sei mesi dopo la fameia la ze rivà. Gavemo fato festa na setimada. Qua in medo i monti i ga vivesto contenti e ciapà bele sbranche de soldi fando formaio. E che formaio! Dopo che i ze ndai via no se ga pi visto formaio compagno. – Come ndai via! E Giàcomo, quel dei mandolini, ndove zelo? – Speta, Nanetto, el ze drio rivar. – Quando nissuni se la spetava, Giustina, la dona de Gioanin, la ga guadagnà un tatin. – L'è Giàcomo, el osa Nanetto. – Pròpio vero. Pi de vinti ani

dopo da esser rivai. So fradei pi veci romai i gera ndà a Porto Alegre laorar in società con so zio, che, anca lu, el gavea fato ora tórsela del Itàlia, ma prima el ga passà un bon tempo in Argentina. Gioanin e la Giustina, i gavea pensà, fursi, de ritornar in Itàlia, ma adesso gavemo un brasilianeto in brasso. Anca, i se disea, sarà che giova ritornar? Qua stemo ben. Fame no ghinavemo mai patio. Salute no ghinà mancà. Podemo star qua. El tempo lo dirà. E un par de ani i ze passai. Una matina, Gioanin no'l leva su. L'è morto dormindo. Tuti i fioi i ze vegnesti. Luri i volea menar so mama a Porto Alegre. Giàcomo el gavea sete o oto ani. Ma ela la ga dito, prima de ndar a Porto Alegre, lora ritorno in Itàlia, el manco par veder come la ze. Giàcomo el vien co mi. E così ze stà fato. Par farla pi curta, la ga finio par restar là, e la ga mandà tor i ossi del so omo. E ela la me ga dito par ndar star in te la so casa, là ndove te me ghè vedesto insacando mandolini. XXXV Scampar via dele guere nantra volta Te sè, Nanetto, el tempo el passa presto. Giàcomo, romai su i disdoto ani, ghe ga tocà far el soldà e suito i lo ga mandà a la guera de la luguslàvia, ndove ghe ze migranti taliani, in Bòsnia e Croàssia. – Eco, nantra volta le guere. No son bon de carpir parché se fa guere. Che gente trista le ga da esser quele che fa guera. El diaoleto, quel de la coa e i corneti, el gavaria de menàrseli tuti a casa sua, là i podaria coparse tuta la eternità, sensa mai morir. – Brao, Nanetto. Cossita el pensa anca Giàcomo. Ma àsseme finir la stòria, che romai semo drio rivar a Novo Treviso. Na doménega matina, ben bonereta, gera drio darghe de magnar a le bèstie, vedo un auto che vegnea su par la riva. Due òmeni i salta fora. De colpo no li go cognossesti. – Son sicuro, un el gera Giàcomo. – Si pròpio, e quelaltro l'era so fradel, Valentin. In poche parole, Giàcomo el me ga contà che in Bòsnia ghe ze stà na bruta batàglia. I soldai del so bataglion i ze stai squasi tuti morti. Lu, medo invergognà, el me ga dito che lu no'l volea copar nessuni, ma anca no'l volea morir. Incó son vivo, el se dise, ma diman, chi lo sa? Dopo i pol mandarme al Afeganiston o in Iraque. Lora el se ga sconto e quando tuto se gavea fermà, el ga ciapà el so fusil, lo ga spacà, parché nessuni i lo doparesse, butà via el uniforme e i so documenti in medo ai morti col corpo fato in tochi. Un brasso inquà, na gamba inlà, testa despicada, buele strassae e così via. – Maria Santísima, Santantònio, che brute robe. Sicuro che l'è meio star qua in medo i monti. – E cossita Giàcomo l'è scampà via. Diese giorni dopo, l'è rivà casa de so mare su a Cimassapada, rente Belluno. Ela la se ga spaurà, parchè el comandante de la squadra el ghe gavea mandà dir che l'era morto. E ela la ghe ga mostrà la medaia d'onore del esèrsito. El problema, adesso, cossa far. Se le autorità lo ciapesse, lu el podea finir la vita o in presion, o desonorà par sempre. La Giustina, na dona de testa bona, la se ga ricordà suito dei so fioi, che i gera restai a Porto Alegre. Suito la manda dir che i ghe mandesse un biglieto par avion, sensa parlar del afar. Cossita, Giàcomo, co i documenti de brasilian, che'l gera da vero, l'è rivà, sensa esser fastidià, a Porto Alegre. – El manco questa la ze bela e ben fata. Cossita che me piase. Parché restar là par copar gente o morir? – Dopo tuto, Giàcomo no'l gera mia del tuto in sicuressa. Come brasilian, no'l se gavea presentà par far el servìssio del quartel, come la lege comanda in Brasile. Nantra volta so fradei de Porto Alegre i lo ga salvà. Luri i ga fato un processo dimandando la dispensa, par via che so fradel Giàcomo el gera stà in Itàlia par studiar. Intanto che'l spetea la risposta, sconto qua in meso i monti, lu el ga scomissià tirarse su un bel vignal. El vol, par quel che'l me ga dito, far vini de quei fini par vénderli in tel ristorante de so fradei a Porto Alegre. Romai i se gavea combinà polito. Ma prima bisognea meter in òrdine la so vita e mandar tor la morosa. Poareto, la solussion de la prima question la ghe ga messo squasi due ani. – Si, savio, nono, ze meio rivar pianpianeto, che no rivar mai. – Brao, Nanetto. Na olta rivada la solussion, Giàcomo el ga pensà suito mandar vegner la so morosa par maridarse. Par quela che'l ga viaià a Porto Alegre par ricever la morosa e so mama, e pareciar le nosse, che le ga da esser grande. – E vu, nono, son sicuro che no ghe mancarè. – Bela fatiga, mi e la me fiola Ciara semo i primi compari. Pecà che la Gìgia no la sia viva. Te sè, Nanetto, in sto mondo le alegresse no le ze mai colme. Ghe manca sempre qualche pontina.

XXXVI – MARECONI DE TUTE LE MANIERE

Quando el nono Minelo, insieme de Nanetto, el ze rivà, tuti i tosatei i ghe salta dosso. Riva che lu el gavea sempre na sbranca de dolsi in scarsela. Ghe piasea tirarli par ària par veder i tosatei corer e catarli su. Quando i pi picoleti no i ghin ciapea gnanca un, el gavea sempre na reserva. No ghe piasea véderli piander. E tuti i restea contenti. Cossì el nono Minelo el gera nono de tuti. Ma ndemo ai mareconi. Romai i gera tuti pronti. I pi grossi e veci i noea rento el brondon par la supa o la menestra de agnolini. Ghe manchea sol quei del menarosto, che sutio el nono Minelo el se ga messo a taiarli, salarli e consarli. Nanetto el ga proà giutarghe, ma no'l ghe tirea rento. Genarino, al veder la bona voia del tosato, lo ga mandà giutarghe a Narciso ndar su al salon de la cesa pareciar le tàole par la doménega de mesdì. Dopo tuto pronto, tuti stufi, ma contenti, i ze ndai ognuno a casa sua par riposar. Doménega de matina, verso le oto e meda, le campane le ga sonà i trè segni, de meda in meda ora, come de costume. L'è vero che messa no ghin saria, ma, quando no ghe gera el prete, la ministra Zelinda, che tuti i la cognossea para zia Linda, la tirea le orassion e la ledea le Sacre Scriture e, come la gera stà na bona maestra de scola, la fea anca na predicheta. No ocor dirlo, tuti i ghe piasea parché la parlea ciaro e fianco, e, anca, se qualchedun el volesse parlar, tuti i lo scoltava. No se pol smentegar, i cantori no i ghe manchea. Novo Treviso el gavea la tradission de ver sempre brai cantori. Mantegnerla la gera una question d'onore. El comadante dei canti, da tanti ani, l'era Genarino. Finie le serimónie, le otanta o sento persone, sensa prèssia, le va fora dela cesa e drite rento el salon. Magnar ghinera par tuti, e d'avanso. Gente, disposta a giutar par finir le meter su la tola, no ghin manchea. Là in fondo la cosina se vedea el nono Minelo comandando quei che i girava el menarosto. Insieme se vedea Nanetto, pi parlando che menando la manivela. Tuto pronto e tuti a tola. Prima de scomissiar, la zia Linda la ga tirà na pìcola orassion. Ma na

sorpresa, Gugelmo, el compare de Genarino e bon de s-ciopetade, el leva su e el dise: Vanti scomissiar, Nanetto el ga da far un discorso. Abramo, el paron de la risera, l'è ndà d'acordo e i tosatei e ga scomissià osar: Nanetto! Nanetto! Nanetto! No ghe gera altro da far. Nanetto, che romai el gavea ciapà coraio co un par de bicereti, el salta su e el scomìssia: – Sarò corto, parché la fame la ze longa. Vardì in tàola, i mareconi, in vita zolando e magnando riso, valtri lo savì, i par tuti compagni, ma qua in tàola i se presenta de tante maniere. I mareconi i deventa brodo, carne lessa, coi col pien, menestra de agnolini, bifi milanesi de peto, carne in te'l tòcio e, sora tuto, gràssie al nono Minelo, mareconi al menarosto. E adesso, cosa che no i ghenavea mai proà, i sentirà el gusto del vin. E bon apetito a tuti. Tuti i se ga maraveià dele parole de Nanetto, e le man la ga s-ciocà de sgorlar e biceri vodi. Da qua in vanti, poche parole e tanto mastegamento. La léngua, fata par parlar, adesso la laorea par parar do mareconi, polenta e vin. A mesura che i piati i se svodea, i biceri i se raversea e le mastegade le se fermea, le ciàcole le cressea. Piampianeto un batolamento. Là par le tante, salta fora Abramo, el paron de la risera dei mareconi, e el osa: – Narciso, ndove sito? Te sè che mi son vegnesto par via de altri afari. Narciso, el ciama la Rosina, medo invergognà e sensa parole, el mostra le lianse, e i se le mete sul deo de la man drita. Dopo, el ciama Nanetto, invitàndo lu e la Gelina par esser i primi compari par le nosse del'ano che vien. Tuti i volea un discorso, ma nissuni i se ga presentà. Nanetto suito el se tira fora parchè lu romai el gavea discursà. Para finir le serimònie, Genarino el ghe ga dimandà, da che no ghe gera preti, che la zia Linda la benedissesse le lianse. XXXVII – Su pai monti co la cavala bianca Martidì matina bonoreta, vanti spontar el sol, Giulieto e Nanetto i se mete in strada verso Nova Palma. Tuti i strumenti de Giulieto i gera sul auto, cargai el giorno drio. Nanetto, adesso ti te paghi la conta, el dise Giulieto, strucàndoghe el òcio a Genarino, sol par veder cossa che'l disea. – Bela fadiga, ghe volaria anca questa. Chi ga magnà, bevesto e dormio te sì stà ti. La conta, sicuro, no l'è vero Genarino, la ghe toca a lu. Mi go laorà in colònia insieme Narciso, go catà su i mareconi, son ndà ciamar el nono Minelo. Manco mal, go idea che la me parte la go fata. Adesso ti, che te sì stà sol drio i to afari, no sò come che te la tiri fora. – Valà, Nanetto, qua no ghe ze mai conte a pagar. – Gheto visto, Giulieto, ti che te volei farme pagar conte. Go paura che te volei meter i schei in scarsela tua, come ghe piase far tanti polìtichi. Go idea, la dise la Ginoefa, che la gera in cosina e la gavea scoltà tuto, che ze meio dir su qualche orassion prima de viaiar, che star lì barufar. – Eco, el rivien Nanetto, adesso si sentimo parlar la santa sapiensa. Dopo questa prima parte, fata aposta sol par indicar Nanetto, i due sapienti, un par dirito l'altro par roerso, i assa indrio Novo Treviso, menando insieme tanti auguri de Genarino e la Ginoefa. Da vero i gavea passà bele giornade, fato longhi filò e bio tanto divertimento. Narciso, lu el ghe ga racomandà a Nanetto che no'l se desmenteghesse delle so nosse dalì a un ano. – No me desmentegarò, el ghe osa Nanetto. E menarò la Gelina. Vedarì che bela tosata che la ze. La strada la ndea riva in su che parea che el auto el se rampeghesse. Nanetto, quando el ga vedesto ste rive spaurose, el ga dito: Qua si ndaria ben cantar la cansion Su e zo pai monti co la cavala Bianca. Giulieto el ga volesto ciapar la prima strada che i primi migranti i ga fato e doparada tanti ani par vegner de Vale Véneto fin a Novo Treviso, la passea par Nova Palma, che da tempo indrio la gavea el nome de Soturno, cognossesta come la Cità dello spavento, par via che la ze in medo i monti e drio el rio Soturno. – Ma che bruto nome. La gente de quel tempo no i gavea mia pensieri meio. Parché no i ghe ga metesto suito el nome de Nova Palma? – Valà, Nanetto, nome bruti ghiné dapartuto. E Nova Palma l'è stà catà fora par via de èsserghe tante palmire, o palme. – Eco, cossita che me piase. Te vedi, Giulieto, bei nomi i fa bei pensieri, e bei pensieri e fa bei nomi. Par esémpio, vardando indrio, se vede sol moti e busi, lora ghe ze de quei che i dise – Che bruti monti e che bruti busi –, ma ghe ze anca de quei che i dise – Che bei monti e che bele busade! – Ma, Nanetto, no son gnanca bon da creder. Ndove gheto imparà parlar cossita? – Un poco col nono Minelo, che veceto sapientìssimo, e nantro poco co la me speriensa. Vivendo e imparando, no l'è mia così che i antighi i insegnea? – Seto, Nanetto, dopo che go fenio el me stùdio, go idea de scriver la to stòria col título – Nanetto Pipeta e la so transformassion. – La me stòria no ocor scrìverla, parché la me vita romai la ze na scritura. – Ben, go paura che te parli massa dificile, lora ritornemo a la nostra strada. Romai semo insima i monti. Se fermemo un poco par veder, come te disi ti, i bei monti e i bele busade. – Sicuro. Lora, su pai bei monti e do par le bele busade, da tempo indrio, no tanto distante, se vedea quele bele piantaion de formento, mìglio e fasoi. – Cossita che me piase. – Ma àsseme parlar. Queste bande le gera cognosseste come la tera del formento. Molini no ghin manchea. Vignai anca. I coloni i ze ndai via, su par le tere nove. Adesso se vede squasi sol mato. I simioti i ze ritornai. Osei e bestiolete ghinè dapartuto. L'è fin bel de veder la natura rifata, de na parte, e da quelaltra parte, el progresso el se ga fermà. Par finirla, seto Nanetto, te toca leder el libro de me bisnono, Giùlio Lorenzoni. El se ciama Memórias de um Imigrante italiano (1975). Adesso che te parli dificile, te lo capissi polito. Intanto che i se la contea, i ga magnà el disnar che la Ginoefa la ghe gavea parecià, parché par quele bande no ghinera ristoranti. Sarà stà le due quando Giulieto el dise: – Ndemo avanti che vui scoltar qualche stòria che'l contea el nono Amadeo, senò no rivemo mia vanti note a Nova Palma. – Ti che te comandi. El sofero no son mia mi. E chi parla massa te sì ti.

XXXVIII - PAESETO CHE'L SE SOMEIA UN MUL IMPACÀ

Finie le ciàcole, i due viaianti, un pi studioso, quelaltro pi curioso, ma nò bauco, i riva a la antiga Lìnia Sete, incó Vila Cruz, secondo distrito de Nova Palma. I se ferma giusto davanti la cesa. Giulieto romai l'era passà un tempo indrio, quando el gavea scomissià far i so stùdii e par congnosser le tere de so bisnono. Nanetto el salta fora, el varda intorno e el dise suito: – Che bel posto, qua insima i monti ghe ze sempre ària

bona e fresca, ma me par da veder nantro paeseto che'l se someia a un mul impacà. Me pararia che saria un bel posto e anca che i ga bio forsa par far su na bela ceseta. Là pi in do ghe ze ncora na venda, e quela casa granda, de due piani, sarada su, cossa zela? – In due parole te spiego. Te sè che in tel primo tempo la condission par un posto cresser bisognea diventar paròchia. El padre Luiz Sponchiado, che lo trovaremo a Nova Palma, el spiega polìto questa question. Lora i ga fato su la cesa e la canónica che la ze quela casona sarada su, che te ghè vedesto. Ma el sforso no'l ga risultà in sucesso. Prima i ga perso la corsa par Nova Palma, in quel tempo Núcleo Soturno, dopo par Novo Treviso. E cossita el posto no l'è ndà avanti – O come mi la disaria più giusta! Par mi dir no ndar avanti o fermarse, ze pi o meno sei e meda dúsia? El comenta Nanetto. – Te ghe rason, ma ndemo fin al semitèrio, che l'è lì via, farghe na vìsita a la tomba del nono Amadeo. Un omo de granda considerassion e rispeto. Lu l'è nassesto, vivesto e morto qua, par quela lu el ghin savea tante, el savea tute le braure e la magagne del posto. L'è un pecà che'l sia morto sena assar scrito le so stòrie. Quelcheduna se pol saverla par sentirla contar. Dopo ndaremo catar qualche persona che le congnosse ste stòrie. No tanto distante de qua ghe ze da star un so zendro. Go idea che lu el ghin savarà diverse. Nanetto el ga scoltà, squasi comosso, le parole de Giulieto, e intanto che'l se lamentea de no poder cognosser le stòrie del nono Amadeo, i ze rivai davanti el semitèrio, e giusto lì i trova un dei so fioi che'l gera vegnesto portar fiori parché fea diese ani dela morte de so pupà. Dopo saludarse, e Nanetto presentarse, come el fea sempre, e trucar du trè parole, i trè i ze rivai a la tomba del nono. Nanetto, como sempre, el se ga preocupà tirar su diverse rechiemeterne. El meio che se pol far pai morti, el disea, ze pregar par la so ànima. Na olta fora del semitèrio, Nanetto el domanda suito sora le stòrie che'l nono el savea. – Si, el dise el fiol del nono, mi ghin sò raquante. Pecà che go poco tempo, me toca ndarghe drio altri afari, ma se volì vin conto due verìdiche che le ga sucedesto qua a Vila Cruz. Par dir la verità, tuti i le congnosse. – Eco, cossita che me piase. Ve scoltarò con tuta l'atension. – Lora se sentemo lì davanti la cesa che ghe ze na bela ombria.

XXXIX – DUE STÒRIE VERÍDICHE

Da che semo qua davanti la cesa, scomissiemo par quela del Padre Burmann. Prima, bisogna che ve disa che l'era un omo sapientìssimo. De quei che i capisse tuto con due parole, e anca, se ocor, sensa parole. Lu el cognossea le persone sol vardàndoghe in fàcia. I so oci no i vedea sol el corpo, parea i ndea rento in fondo par veder el ànima sconta. – Maria, Signore, lora lu el vedea fin i pecati de la gente. – Go idea de si. – Nanetto, sito mia bon de taser e scoltar, el intervien Giulieto, te vedi mia che'l omo el ga poco tempo. La stòria la podaria èsser longa, ma la femo corta. Lora, el Padre Burmann el vegnea tuti i mesi pregar messa qua a la Lìnia Sete, montà su un bel caval baio. Una de queste vísite, romai tuti in cesa, el Padre el vien fora de la sacristia e, prima de scomissiar la messa, el se olta verso la gente, tuto sèrio el dise: – Ve domando pregar par me pora mama, che la stà in Alemània e la finisse de morir. Tuti i se ga vardà. In te quel tempo no ghe gera né ràdio, né telèfono, né gnente. Se ga savesto che dopo de un mese ghe ze rivà la carta co la notìssia. Par quela, tuti i lo rispetava e i ghe volea ben, ma i so superiori i lo ga transferio su par le bande de Cruz alta. E Naneto, no'l se ga tegnesto. Eco, el dise, mi me piasaria confessarme con un prete de questi, cossita no ocoraria gnanca contarghe i pecati. Lu li lesaria in te la me ànima. Scuseme, go parlà nantra volta. E quelatra stòria? – Quelatra stòria la ze na stòria de furbità e de imbroioni. Questa region la ze stà ciamada de tera del formento. – Si, Giulieto el me gavea dito. Santa Vèrgine, go parlà nantra volta. – No vol dir. Par quela che ghe gera ranquanti molinari. – Si, e se disea, che i molinari ghe piase rubar. Questa la me ze scampanda sensa voler. Da qua avanti me smòrsego la léngua, sta bruta dispetosa. Quelaltri due ghe ga tocà rider. – Ndemo avanti. Secondo el contea el nono Amadeo, ghe gera un molinaro che'l comprea tuto el formento che'l podea par pagarlo pi avanti quando el prèssio el fusse meio, el disea lu. Prima lo rivendea a nantro molinaro pi grosso e pi furbo che l'era de star a Vila Rica, incó Júlio de Castilhos Un giorno el invitea meda dùsia de coloni che i ghe gavea vendesto el formento par ndar a Vila Rica combinar el prèssio del formento. Sti coloni, al saver del invito, i se impienea de pròsia e, vestii el meio che i podea, i montea i so cavai, sempre comandai pal molinaro. Na olta rivai, ghe gera na bela tosata che li spetea col cafesigno pronto, come che i volesse co la graspa o sensa. Dopo li menea davanti na tola piena de robete da magnar, cose mai viste, e biceri pieni de vin. E una veceta, che la parlea talian, la ghe disea magnè, questa la ze la colassion. Si levai su bonora. I cavai romai i gera desselai, e davanti un múcio de spagna e un lebo de mìlio. Drio man riva due tosati con due caretine e li mena veder le criasson de boi, porchi e cavai. Robe de quelaltro mondo. Cossita riva mesdì. Lora, montai nantra volta su le caretine, i va fin na casa, un vero palasso de rè, par magnar un sorasco. Prima i ghe ofre, par bele tosate, biceri pronti, pieni de Wisky. Nantra bìvita mai proada e mai vista. No cor dirlo, i ga magnà e bevesto a crepa pansa. Quando i va fora de la tàola, i vede le due caretine pronte. Su nantra volta par ndar veder el molinon e el gran depòsito de formento. Li, el dise un colono, ghe ga da èsser anca el nostro formento. Là i ze stai ndando vanti e indrio, in su e in do. Verso la meda sera, le due caretine li ga menai de ritorno al primo punto. I cavai i gera belche selai e pronti. L'era sol montar a caval e ritornar a casa. – E due molinari ndove gèrili? El dimanda Nanetto. Go idea che i due furboni i ghenà parecià una de grossa. – Ah! Nanetto, vedo che te sì mia bauco, che te capissi polito la stòria. L'è giusto qua che ghe ze la furberia. Intanto che i menea in volta i pori coloni i due molinari i se combinea el prèssio del formento, sensa domadarghe ai altri. El ritorno l'è stà sensa tante ciàcole. Nessuno ga parlà né de formento, né de prèssio. E ognuno l'è ndà drito casa sua. I pié, che no i gera costumai, i gavea da èsser sgionfi e pieni de bessighe rento i stivai o le scar-

pe na giornada intiera. Passà na setimana o due, i coloni i ndea dal molinaro par ricever i soldi del formento. E tuti i se lamentea del prèssio. E lu, co la fàcia d'un furbon, el ghe disea: cossa volio che mi faga, insieme, a Júlio de Castillos, ghe gera anca i vostri compagni. E de questa maniera, ano dopo ano, sto molinaro el insacava el formento e anca i coloni. – Nanetto, tuto inrabià, el brava: che brute robe! Che spropòsito! No l'è mia vero? Par quela che tuti i dise che in paradiso no ghe ze farina, parché tuti i molinari i va al inferno.

XL – DO PAI MONTI COLA CAVALA BIANCA

El nono Amadeo el ghin savea tante altre stòrie sora i polìtichi, le revolussion, i comersianti, ma par sta olta se fermemo qua. Come el mondo el ze tondo, un giorno se trovaremo naltra volta. – Bela fadiga, el dise Nanetto. Gavì rason, parché sempre che se va atorno se riva in tel scomíssio. Questa la go imparada de Giulieto, el sapiente de la Univesità de Cassia. Dopo rigrassiar e verse saludai, Nanetto e Giulieto i ciapa la strada par ndar do a Nova Palma. – Prima de scominsiar ndar do par sti monti, varda da racomandarte al Àngelo Custode, mi son sicuro che lu el te scolta, cossita no ndaremo a gambe alte. – Par no smentegarme del tempo che go fato el trupiero co la cavala de Berto, suito dopo ver scampà via del bastimento, me vien in mente che se sta matina, par vegner su de Novo Treviso, ghe volea un bon sicoto, adesso ghe volaria un bon freno e un sotocoa forte par ndar do a Nova Palma. Sicuro, se in tel posto del to autin gavéssimo la cavala bianca. – Bel ricordo. Ma se te me scolti, intanto mi vui dirte, che'l Padre Sponchiado, el prete che ndemo trovar do a Nova Palma, el ga fato tante bone òpere, una de queste ze stà trassiar questa strada, che la ze tanto pi corta de quelaltra. Ma la ópera pi importante, ricognossesta in tuto el Brasil e fin in Itália, l'è el Centro de Pesquisas Genealógicas. – Cossa zelo sto sentro, quelaltre parole no le go gnanca mai sentio dir. Che no le sia nantra stòria come quela del museo. – Nò, no l'è mia un museo, ma l'è un posto ndove se trova la stòria de tute le fameie rivae qua in te la Quarta Colònia. Una vera maraveia. Po te lo vedarè ti stesso. Basta ver i oci verti e saver leder. – Ben, lora go tuti i strumenti boni par capirla. El sol l'era drio ndar do, quando i ze rivai in te la canónica. El Padre Sponchiado li spetea. Giulieto el gavea mandà dir che'l vengnaria torse su el material par i so stùdii sora la Quarta Colònia. El Padre Sponchiado, come sempre el fa, li riceve come gente de casa. E sensa serimònie el ghe dimanda se i vol senar prima, e dopo ndar al Centro de Pesquisas Genealógicas. Nanetto el dise suito: – Dopo de quel che Giulieto me ga contà mi ndaria suito al Sentro, sensa senar, anca parché no ghenò mai vedesto. Ben, el rivien el Padre Sponchiado, ze meio che senemo prima, dopo gavaremo tuta la note par ciacolar. Poco pi de mesa ora dopo, i trè e gera là in tel Sentro. Giulieto el savea cossa che'l volea. Nanetto, pa intanto, l'era sol curioso. Par scomissiar, el Padre Sponchiado el ga parlà sora i so viai A Porto Alegre e a Rio de Janeiro in serca dei documenti sora i migranti rivai a la Quarta Colònia. Le ze stae tante, tatìssime ore de leder libri e liste de tuti i taliani vegnesti inquà. • – Te sè¸ Nanetto, son contento che te sì vegnesto veder el me laoro. Giulieto, romai lo cognosse, e mi son sempre diposto a giutarghe in tel so stùdio, meio ncora al saver che l'è nipote de Giùlio Lorenzoni, uno dei primi migranti rivai a Silveira Martins. Par dir la verità ghe go giutà a tanta gente studiosa e curiosa che go fin perso el número. Nanetto l'era lì che'l scoltea tuto atento. Dopo, al veder che'l afar l'era depì del interesse de Giulieto, lu el se ga messo vardar i quadri de le genealogie de le fameie. Una cosa la lo ga assà pensieroso, le gera le fameie Rossato, tante, grande e longhe che mai. Lora, tuto de un colpo el salta su, come se'l gavesse desquerto la Mèrica, e el domanda, permesso Prete, no vui disturbarve, ma, par mi, el nome giusto de Nova Palma el gavaria da esser Rossatópolis, come Galópolis o Petrópolis, posti la arente Cassia. Finio de far el so comentàrio, sensa spetar na risposta, Nanetto el ritorna vardar i quadri dele fameie. Lu l'era tuto maraveià, no'l gavea mai visto un laoro compagno, ciaro e ben fato. E el se dise, tra de lu stesso: tuto scomíssia dei bisnoni, noni, pupà e mama fin al último tatin. Quante stòrie, quanti ricordi de qua e de là del mare. Brasile e Itália tacai su par le fameie. In questo tempo, Giulieto, con vose basseta par no farse sentir de Nanetto, el dise: – Savì, Padre Sponchiado, Nanetto, da un tempo in qua, el me vien fora con idee de sapiente. Savì, par mi dopo che Piero Parenti lo ga ressussità, no l'è pi quel tosato medo bauco e medo furbo, dele olte pi bauco che furbo. Mi son sicuro che anca lu el ga progredio, ma ghe ze quei che i pensa che Nanetto Pipetta el ze ncora quel tosato medo inseminio che al veder le bananare con bei graspi, el crede veder piante de salami; che i papagai i ze àquile americane; che i simioti i ze bùlgari che magna gente; che i corbi i ze galine negre, boni da magnar; che'l va inserca de pignate de soldi, sconte soto tera; che'l scrive létere, le mete rento un cassetin, sicuro che la létera la va ela sola, basta mandarla e, par no esser busiaro, el disea: Pò, mi ghinò mandà ancora e no le go mai viste dopo. Segno ciaro che i le ghe ciapae. Par mi, son sicuro, che Nanetto Pipetta, bisogna èsser el representante dei taliani de incó. Par finirla, vui dirve che'l ga fato fin el maestro là a San Giusepe, invità par le maestre de la scola. E, par quel che mi sò, el se la ga tirada fora fin massa polito. Cossa disio vu? – Ben, mi credo che Nanetto, quel del frate Paulino Bernardi, l'è na figura importante in tel so tempo, incó el gavaria de rapresentar i taliani de sto tempo in qua. Se i migranti i ga cambià, lu anca el gavaria de cambiar, ma sensa perder la so personalità de vero imbassiatore dei taliani migranti. No se sa fin che ora i ze stai ciacolando. Nanetto, par lu, staria là fin che i gai i cantasse a la matina, ghe ga piasesto compagnar i nomi dele fameie, a scomissiar quei rivai dal Itàlia, pròpio come se lege in te le Sacre Scriture. Pecà, el se dise, che no son vegnesto anca mi qua. Ma Giulieto el gavea el so programa e lu l'era sol una compagnia, el meio che'l podea far l'era no disturbar. Diman matina bisognea ciapar la strada verso Ivorà. El programa de Giulieto, no ghe gera altra manieira sinó menarlo a la fine.

XLI – UNA TERA DE FURLANI EL GIRO L'È

DRIO FINIRSE.

Nantra olta, ben bonoreta, i se mete in strada. E nantra volta su e do pai monti. Nanetto, se anca ghe piasea ndar in volta, el parea mia tanto disposto. E Giulieto el ga vedesto che Nanetto no l'era mia ben rento le so misure. Po no'l gavea gnanca pregà al Àngelo Custode. Lora, Naneto, gheto dormio mal, col cul descoerto, che te sì lì con siera de fiévera? Fursi, la Gelina. – Fiévera nò. La Gelina, fursi si, fursi nò. Te sè che dopo èsser rivegnesto del squasi negamento, sempre che vao in volta, ela la resta tuta passionada parché la ga paura che me neghe nantra volta e nò provisoriamente. Ela la me dise: "Adesso el perícolo no i ze mia i rii, ma i camignoni. Questi si i pol strucarte soto le rode definitivamente." E pó, te sè, la me maniera de viver la ze diferente. Dar inquà in là, l'è bel, ma el stufa. – Capisso. Ma lora disi su le orassión che mi te giuto. Natri due o trè giorni te sarè a San Giusepe magnando polenta, fortàia e radici co la Gelina. – E cossa ndemo far a Ivorà? No go mai sentio dir sto nome. Cossa elo? – A Ivorà la dimora la ze poca. Ze sol ciapar su el material che go incomendà. Ma àsseme che te conte un poco la stòria, da che te piase le stòrie. Ivorà l'è un pìcolo paeseto zo te na bela busada, ben in medo i monti. I primi taliani i ze rivai là pal 1883. El so primo nome l'è stà Núcleo Norte, dopo par via da èsserghe, tra i primi migranti, tanti furlani e ghe ga dà el nome de Nova Ùdine. – Un bel nome. El me ga piasesto. Par mi, meio tanto meio che Núcleo Norte. – Fursi te ghè rason, parche In tel sentenàrio del posto, un prete furlan, vegnesto de l'Itália el ga fato un discorso in furlan s-ceto. Ma par altre rason, se no me sbaglio in 1939, par último i ghe ga dà el nome de Ivorà. E cosi l'è restà. Vedo che te si medo strambo incó. Lora, se te si d'acordo se fermemo un pochetin qua sul monte par vardar el paeseto la do in fondo. E intanto mi te conto nantro toco de la stória. Nanetto, par dir la verità, no'l parea mia massa entusiasmà. Ma el ga scoltà sensa dir gnente. – Lora, continuando, in te la stòria de Ivorà se trova due persone importante. La prima la ze el Monsegnor Humberto Busatto. Se pol dir che lu el ga tirà avanti la stòria del posto. Dal 1918 fin la so morte in 1962, l'è stà el pàroco de la cesa. Lu el comandava tuto. Una parola sua la valea como comandamento. E tuti i lo rispteva parché l'èra na persona bona, giusta e santa. – Vedo, el dise Nanetto, che par ste bande dequà i preti i comandea tuto. – Gnanca tanto, ma che i gera sempre davanti para insegnar la strada, i gera. – Ben, sia come sia, i preti de quel tempo i mèrita rispeto par tuto quel che i ga fato. Ma e qualatra persona importante, chi zela? – Questa no la ze mia un prete e anca, se pol dir, la ze sol nassesta qua a Ivorà. – Chi sarala! – El ze un político. – No stà ganca dírmelo. Che miràcolo! – Naneto, stà atento. Ghe ze polìtichi onesti e giusti. – Ma i ze ciari, come le mosche bianche, el manco el giorno de incó e par quel che se vede. – Ben, lora, Alberto Pasqualini l'è stà na mosca bianca. Lu el ga studià in tel seminário, dopo el se ga fato avocato. L'è stà secretàrio de goerno e senatore. Lu al ga dito che una società bisogna che la sia fondà sora la giustìssia, ndove tuti i ga da ver i medèsimi diriti. – Eco, questa la diso anca mi. La giustìssia no la pol èsser sol d'acordo co la voia dei potenti e pieni de soldi. – Ma Pasqualini, fiol de taliani, el ga bio tanti nemici. Lu, come i dise i so studiosi, l'era un omo che'l gavea idee pi avanti del so tempo. Lu el difendea el socialismo, par via che'l ze na dotrina più giusta, ndove tuti i ze compagni. Ma, in quel tempo, parlar in socialismo, in particolar qua in Brasile, gera lo stesso che parlar in comunismo. Socialismo e Comunismo le gera due parole par dir la medèsima roba, come se fusse sei e meda dùsia. – Seto, Giulieto, mi capisso poco queste stòrie, ma te giuro, bisogna che stùdie meio, senò perdo la me condission de vero imbassiatore dei migranti. El mondo el càmbia, i migranti i ga cambià, e mi anca bisogna che me tire avanti. – Bravìsimo, Nanetto, cossita che me piase sentirte parlar. Nissuni i pol star fermi in te un posto sol. La vita la ze par ndar avanti. E el Nanetto, par mi, el ga da èsser un omo del so tempo. – Pròpio, chi resta fermo e no'l va avanti, da vero, el se ciapa indrio. – Te garantisso, Nanetto, quando mi vao presentar el me stùdio in te la Università, te menaró insieme. – No sò, te me fè paura. Ma par quel che mi go capio, go idea che Piero, el me salvador, el restaria strà contento. – Son sicuro. Adesso ndemo veder la casa, ndove ze nassesto el nostro brao político talian che adesso l'è un museo, par torme el material del me stùdio, dopo vui ringrassiar trè persone.

XLII - POCHE PAROLE MA TANTI PENSIERI

Prima i ze ndai in te la prefetura para saludar e ringrassiar el Dr. Irineo e el maestro Onildo par tuto quel che i ghe gavea giutà pal so stùdio. Fioi de Ivorà, un el ghe tende ai malai, dal ano che'l ga ciapà el diploma de dotore in 1972 fin el giorno de incó. Quelaltro el ga sempre laorà con l'educassion in scola. E i due i ze stai el primo prefeto e sub-prefeto del munissìpio, in 1988. Finii i ringrassiamenti, Giulieto el ga mostrà la disposission de méterse in strada, ma i due òmeni i dise suito, ndove vuto ndar a ste ore qua, prima ndemo disnar insieme. Giulieto, che par no sconder la verità, ben che'l spetea la invitassion, ma Nanetto, par lu, el saria partio anca co i budei brontolando de fame. Maginàrsela, lu in medo sti sapienti. Ma no ghe ze stà altra maniera. E là l'è ndà anca lu. I magnari i gera pròpio de taliani, tanto al gusto de Nanetto. Cossita el savea come tirarsela fora. Par no dir stupidità, ela se ga pensà, magno e scolto. No se podea spetar nantra stòria, le ciàcole le ga girà in torno dei primi tempi dei migranti, la polìtica de incó, el progresso del posto, le idee de Pasqualini, tantìssimo mensionae, ma poco messe in pràtica. Questi afari i passea distanteto de la testa de Nanetto. Par lu poche parole, ma tanti pensieri. Sol quando i ga parlà de la festa dele suche, che la sucede in te un postesel de la colònia, i sarvei de Nanetto i ga fato segno da capir. Pi de ora e meda la ze passada tra scuciarade e spironade che gnanca Nanetto no'l se gavea inicorto del tempo. I se ga fermà parché na infirmiera, la ze vegnesta ciamar el dotor par tender un malà che'l vegnea de rivar al ospedal. Nantra volta, Giulieto li ringràssia, e ognuno va drio ai so mestiri. Pena fati i primi metri, Giulieto el ghe dise a Nanetto, ne toca perder nantra meda oreta. Squasi me gavea desmentegà de portarghe un ringrassiamento al diàcono Severino. – Ti te

comandi. Te sè che mi son, no só se posso dirte, secretário, fursi l'è pi giusto dir el to servo. – Ah! valà, Nanetto, no stà èsser cossì úmile. Nantri semo compagni de viaio e de stùdio. Ognuno ga la so maniera. O te gheto smentegà dele quadernete. – No, mai pi. E pò le ze squasi piene. El diàcono Severino l'era sentà al ombria. El riceve i vistanti con gran contentamento. E ti, Nanetto, che bel véderte così bel, forte, pien de salute. – Gràssie, nono. Son contento de cognósserve. Gilulieto el me ga parlà tanto del vostro laoro. – Si, si, ma senteve zo. Semo in prèssia, el dise Giulieto, son vegnesto qua ringrassiarve del aiuto che me gavì dato par el me stùdio. Se no fusse i vostri libri, poco se savaria sora Ivorà e altri posti de questa region. – Cossa vuto, mi go bio poco stùdio, go fato quel che go podesto par mantegner viva la stòria dei migranti e de la me fameia. – Ma vui dirve, insiste Giulieto, se altri i fesse cossita no se perderia la memòria de la stòria dei migranti dei paeseti, squasi desmentegai. – Gràssie par el recognossimento dei me modesti e sémplici libri. – Sémplici, si, i pol èsser, ma pieni de vita e de stòria. Ma scuseme de la prèssia. Nantra volta gràssie de tuto. E là i ze ndai su pal monte verso Faxinal do Soturno. Nanetto el parea restà muto. Nanetto, tuto el tempo, el ga parlà poco, el se sentea un poco fora de posto. Lora, Giulieto, par desmissiarlo dei so pensieri, el ghe dise: – Seto, Nanetto, me go desmentegà de dirte che qua a Ivorà ghe ze el primo monastero de mónachi cartusiani (cartuxos) de tuta la Mèrica, fondà in 1984. – No go capio gnente. Né monastero, né mónachi e, manco ancora, cartusiani. – Te spiego. I mónachi i ze un tipo de frati, el monastero ze la casa ndove i vive, e cartusiani, vol dir el posto de la so orìgine in Frància. – Adesso, me par che go capio manco mal. Ma fali cossa sto tipo de frati, de nome mónachi? – I ze òmeni che i vive al servìssio de Dio. – E Dio, galo bisogno de servìssio? – Sicuro che nò. Al servìssio de Dio, vol dir viver in orassión dì e note, squasi sempre in silénsio. Una maniera de viver, go idea, che no la te serve. Lora, la so vita l'è pregar e laorar; laorar e pregar. – Magnar, bever e dormir nò? – Ò! Nanetto, adesso te sì drio ritornar al tempo de inseminio, vanti squasi negarte. Chi che vive sensa magnar e bever! – Sicuro, volea dirlo anca mi, ma par la maniera che te me ghè parlà parea che i vivesse de laori e de preghiere. E pò, quando mi ndea a la dotrina, de doménega dopo mesdì, ancora in Itàlia, le catechiste le contea stòrie de santi e sante che i vivea sol con la comunion. E lora mi go pensà che la podea èsserghe capitada anca ai to mònachi. – Fursi te ghè rason, no la ze mia mal pensanda. Te sì perdonà.

XLIII – LA PRIMA MÀCHINA BRASILIANA DE MACHINAR FORMENTO

Coraio, Nanetto, semo drio rivar a la fine. Ghe manca sol due posti da visitar. Par ver novità, adesso, ciapemo nantra strada. Vui menarte cognosser un toco de la prima strada che i miganti i fea par menar i so prodoti, de Sobradinho fin Santa Maria. I caretieri i ghe metea na setimana, quando la ghe ndea ben. Trè giorni para ndar e trè giorni par ritornar. Un poco pi tardi, quando ghe ze rivà i camignoni i ga messo su na lìnea che la fea trè viaii par setimana. Un dì par vegner e nantro par ritornar. – Eco, cossita che me piase, cognosser altri posti, parché no sò quando ritornarò par ste bande dequà. – Lora, stà atento. Prima ndemo in diression a Silveira Martins, ma suito lì pi avanti ciapemo la sanca e pochi kilòmetri dopo catemo la línea due, un pícolo paeseto, anca lu, come ti te disi, medo impacà. Ma un posto ndove se laora e se vive ben. Passai via la Línea due, se scomíssia ndar do pal monte. La strada la ze bona, ma piena de voltae. Lì si ghe vol un sotocoa riforssà. In pochi minuti se riva a Val Veronês. L'era qua che i trupieri i se fermea, par riposar, darghe de magnar a le mule. In te quel tempo ghe gera na casa de pasto, na posada e na casa de negòssio. Adesso no ghe ze pi gnente, sol la cesa, un bel salon e na sbranca de fameie. Le strade le ga ciapà nantra diression desviando i monti. Nantro poco pi avanti, romai do in tel pian, ghe ze un bel posto de nome Santos Anjos, ma anca lu fermo e pacìfico. Qua, a la sanca, se ritorna a Nova Palma e se va a Sobradinho, a la drita ndemo a Faxinal do Soturno, ndove ze stà fata la prima màchina brasiliana de machinar formento. – Gheto visto, sta olta te go assà parlar sensa gnanca na parola mia. Intanto che te parlei, go pensà, come la saria la vita in quel tempo. Se dise che i migranti i ga patio. Si, ze vero, ma anca no i ga patio la fame. A tola, son sicuro, no ghe machea la bela polentina, ovi, salame, formaio, radici e tante verdure, sensa desmentegar el vin. La tribulassion pi granda la gera col laoro, no tanto fàcile su par i monti. E mi me figuro, quante feste, quante cantorie, quante cassade, quanti osei a menarosto no i ga da ver fato. Adesso me dispiase veder la gente ndar via par tribular in paese e laorar de pioni. – Nanetto, lassa lì i to bei pensieri, varda che semo rivai a Faxinal do Soturno. – Lora ze stà qua che i ga fato la prima màchina de machinar formento. Chi zelo stà questo inteligente? – Te la conto in poche parole, sinò ti te me bravi. – Nò, nò, te pol parlar fin che te vui. Fa de conta che mi son un mónaco al servìssio de Giulieto. – Èh, te vol coionarme! Va ben, el manco no te ghè smentegà i mónachi. Come te lo ghè sentio dir diverse volte, i migranti i piantea tanto formento e, quando i ga comprà le tere piane, i ga scomissià piantar anca riso. La dificultà l'era sgranarli, tanto el formento come el riso. Màchine no ghin gera. Lora se doperea i boi par pestarlo ou se lo batea coi bastóni. Dopo bisognea netarlo con un sventolon, chi podea verlo, o sinò col vento. – Fin adesso no go vedesto màchina nessuna. – Bela fadiga, se no ghin gera, voleito veder cossa? Son drio spiegarte pròpio la mancansa de màchine. – Lora, fin adesso, go capio polito, no ghe gera màchine. – Ritorno a la me stòria. Àngelo Bozzeto, el omo, fursi pi importante de Faxinal do Soturno, el ze fiol de migranti taliani, nassesto in 1894, e morto in 1967. Fin ai 20 ani el ga laorà in colònia con so pare. Dopo l'è stà caretiero, prima come pion, dopo come paron. Quando el gavea fato un pochi de schei el ga fato società de na compagnia de riso. L'è stà quando el se ga inicorto de la mancansa de màchine par bater el riso, formento e fasoi. Lora el ga comprà na antiga màchina de bater formento, cognosesta par trigliadera. Ma la gera cossì in pèssime condission, che par poco la servea. Lora lu, pianpianeto, la ga rangiada e, col tempo e inteligensa, la ga

modificada fin rivar fàrghene una nova e diferente. La meio de tuto el Brasil. La ga registrà col nome de Tigre. – Che belessa! Come in medo i primi migranti vegnea fora gente inteligente. Sensa o con poco stùdio, i fea miràcoli. Me piasaria vedérghene una de ste màchine. – Qua riva la stòria a un fin tristo. Da tanto tempo no i ghin fa pi. – Ma parché, se la gera così bona? – El progresso el ga cambià la diression de laorar la tera. Far tuto a man no dava pi par viver. Le nove màchine le dimandava tere piane, e anca le gera fate par ndar ele sole catar su formento, riso, fasoi o mìlio e molarlo fora insacà. Par far ste màchine ghe volea tanti soldi. E la tigre, la ze restà antiga, come so mama, la prima màchina comprada par Àngelo. – Seto, Giulieto, dopo tante stòrie, son drio sentir che i me sarvei i boie. Go paura che divento matussel. Saria ora de retornar a San Giusepe. – Credo anca mi. Ma prima ndemo al otel senar da siori e riposar. – Ma parchè el otel? No ghe zelo mia na fameia bona par ofrirne un bocon e un paion de scartossi? – Sicuro che ghinè. Ma come ghemo guastà poco, go vansà un par de fiorini. E go idea che anca ti te ghè da imparar come la ze esser òspite de un otel. – Come sempre lo go dito. Ti te comandi. E cossita, pol èsser che, pianpianeto, imparerò diventar un vero capitalista, senò, quando fao la cucagna, no savarò come viver de sior.

XLIV - IN TEL OTEL, TUTO DIFERENTE

In tel otel, come tuti i lo sa, bisognea dar i nomi, de ndove se vien, ndove se va, come se ze rivai e così via. Quando el atendente el ga ledesto Nanetto Pipetta, no'l volea gnanca creder. Saralo quel del libreto del nono, el se dimanda. E par quel che lu el savea, el se gavea negà da tanto tempo. – Curioso e sensa serimónia, el atendente el ghe dise, mi credevo che te geri negà. – Anca mi pensea così, el ghe responde Nanetto, ma da vero me son negà sol provisoriamente, parché Piero Parenti el me ga catà perso e medo inseminio do là drio el rio, rente Santa Teresa. E adesso son qua vivo e san, come te pol veder. Intanto ghe ze rivà altra gente, e la ciàcola la se ga fermà lì. Na volta comodai in te na tàola, e ghinera tante e tute rangiade bele e nete, cosa che Nanetto no'l ghinavea mai visto, riva na tosata e la ghe dà a ognuno un libreto. Nanetto no'l savea gnanca cossa che l'era. Vanti che'l parlesse, Giulieto el ghe dise, el libreto el serve par scoier quel che volemo magnar. Si parché de colpo, Nanetto, come lo ga dito dopo, el gavea pensà che i se gavesse sbalià, lì la gera na scola e nò un otel. Nanetto, el verde el libreto, el gavea sol due o trè pàgine. Olta na pàgina, òlteghene nantra, riva al fin, ritorna al scomìssio, va avanti, torna indrio, e gnente. Giulieto lo vardea col canton dei oci. El se tegnea par no rider. – La par le tante, stufo de foiar el libreto, Nanetto el ghe dise a Giulieto, quel che mi vui magnar no'l ghe ze in tel libreto. E, par dir la verità, metà dele parole no sò gnanca cossa che le vol dir. – Ma, cossa vuto magnar? – Bela dimanda de un talian che'l vol senar. – No son bon capirte. – Ghe volaria ncora quela che no te capissi. E lora un bon talian migrante o fiol, cossa séneli lori? No l'era mia polenta, salame, formaio, ovi o fortaia e una bela bassiada de radici? E qua, in tel libreto, no se vede gnanca el odor de sti bei magnari. – Ma, Nanetto, semo in te un otel e i to magnari i gera in tei primi tempi. Adesso fin in colónia i ga cambià. – Pol esser, ma nò là a San Giusepe, a casa dela Gelina. – Lora, se te sì d'acordo, mi scoio e magnemo el stesso magnar. – Meio cossì, ma vedi de scoier robe bone da magnar, no quei magnareti de lecarse sol. – Ghe dimando bifi a milanesa, patate, riso e salata de pomidori. – E no stà desmentegarte del vin. E cossita i ga senà in pace. Ma, vanti levarse su de la tàola, Giulieto, sol par inticarlo, el ghe dimanda: E lora, Nanetto, gheto magnà, o te gheto sol lecà? – Se te vol saverlo, go magnà e anca lecà. E stao ben, ma la polenta la ze meio. – Cossita te stenti diventar capitalista. – Ti te pensi. I capitalisti no i magna pi polenta, parché no i sa cossa che i ga perso. Rivai in stansa, Nanetto no'l volea gnanca creder. Due leti, pronti par butarse do. El telèfono, la televison, el quartin de bagno e de far i bisogni, toaie bele bianche e dopiai polito, saonete, tute maraveie mai viste insieme rento na stansa. E ghe gera ncora na cassa, che no'l ga intivà saver cossa che la gera. La ga vardada una, due, trè volte, ma gnente. – El se dise, me tocarà dimandarghe a Giulieto, dopo che'l vien fora del bagno. – Giulieto, cossa zela quela cassa lì, che insima la ze piena de biscoti, cicolate, dolsi e altri trapei? – Te vedi, Nanetto, come se impara viaiando. – Questo lo go sempre dito anca mi. – El ze el frigobar, una pícola geladera. Vèrdela mò, e te vedarè quante robe bone ghe ze rento. Se te vol te pol magnar e bever a volontà. Sol che le costa tanto de pi che le stesse robe quando te le compri in tel mercà. – Lora, gnanca verdo la porta, par no ver voia. – Te ghè rason, cossita ndemo dormir suito. XLV - Par finirla, la tera del caminante dela Madona Al s-ciarar del dì, Nanetto el se desmìssia. Lu l'era costumà co la vita in colònia. Giulieto, lu, la tiraria pi longa. Se i ga ronchedà no se sa, parché i due i ga dormio come sochi. In pochi minuti i gera pronti. Nanetto sgoelto el va do par la scala e in due salti el riva in te la porta. Giulieto ghe toca ciamarlo par far colassion. Tuto contento Nanetto el torna indrio, no'l savea che in tel otel ghe gera anca colassion. – Vedo che me toca laorar un poco pi in prèssia, parché la vita de capitalista la ze pròpio tanto bona. No la gavaria mai pensà. La sala la ze la stessa. Le tàole anca, tute ben rangiade. La diferensia la gera che in posto dei piati e biceri, ghe gera cìchere e piatini. El libreto anca no i ghe lo ga dato. Ma co'l varda de quelaltra banda el vede na tàola longa e piena de magnari. E lu el se spalanca maraveià con quel che'l vede. – Maria, Signore, el sclama, me son imbroià, son ndà rento in te na festa de nosse. Tuti i ga ridesto. Giulieto el ghe ga spiegà come che la gera. E Nanetto el ga da ver capio polito, par tuto quel che'l ga magnà. El sol el gera drio spontar quando el autin el girava par strada. Pena fora de la cità, Giulieto el ghe dimanda a Nanetto, se el ricognossea la strada. – Cossa vuto che te disa, par mi strada la ze strada, e finio. – Si, sicuro. Ma quel che mi vui saver l'è se te sì romai passà par qua. – No sò, parché dopo del asfalto, par mi, le strade le ze tute compagne. – Lora scolteme, la strada che ghemo ciapà adesso, se ndéssimo in drio ndaríimo a Novo Treviso, a la sanca la ze quela che semo vegnesti passando par Agudo, suito

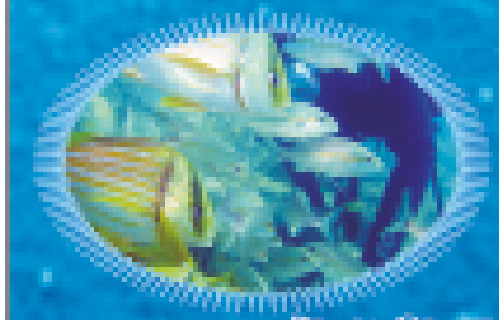
passà la ponte, a la sanca e un poco pi avanti, se trova la risera dei mareconi. E ndando avanti, rivemo a Ribeirão. – Te ghè parlà ciaro, ma par mi me vedo tuto intorciolà. E cossa zelo sto Riberon? – Dopo te spiego. Prima diseme cossa te ghè catà de la colassion. – Che maraveia! Come la vita dei capitalisti la ze bona. – Si, ma cossa te ga piasesto. – Prima de tuto vui dirte che pensea che gera davanti na festa de nosse. Me ga piasesto la fortaia e el salame rostio. – Go visto, pal piaton. – Ma ghe ga mancà la polentina calda, o almeno brustolada. Me ga tocà magnarla col pan che, par sorte, ghinera de diverse qualità. Boli, dolsi e no sò quante cose ghinera a ufa, no ga dato gnanca par proar de tuto. No dà par lamentarse, ma se ghe fusse la graspa pal cafesino, no la ndaria mal. E po go magnà anca par el disnar. – Eco, semo rivai a Ribeirão. I taliani i ze rivai qua là pal 1881. In pochi ani gavea na bela cesa, na scola, un pìcolo ospedal, ndove se fea operassion, una farmàssia, cartòrio, case de negòssio, come altri posti, in vesse de ndar avanti, el ze ndà indrio. Adesso, el punto pi importante ze la stòria de João Pozzobon, nassesto in 1904 e morto in 1985. – Ma chi zelo? – Un omo de tanta fede e orassion. No vui contarte tuta la so vita, parché la ze longa e mi la cognosso poco, ma dal 1950 fin el 1985, ano dela morte, lu el portea l'imàgine dela Madona, in volta par le case, le scole e ospedai, le prision e el preghea el rosàrio. I dise, quei che i lo ga congnossesto, che durante tuto sto tempo, el gavaria caminà tanto che'l gavaria fato trè o quatro giri in torno la tera. Par quela che i ghe ciama el caminante dela Madona. XLVI - No da pi par esser na figura pibauca che furba – Maria Santa, Santantoni, quante scarpe no gavaralo fruà. E par sorte che la tera la ze tonda, lora se'l caminasse sempre drito, el ritornaria sempre casa sua. Son drio schersar parché questo no vol dir gnente, el pi importante, credo, ze stà la devossion dela Madona e la preghiera del rosàrio che, romai, poco se lo dise su. – Adesso i so devoti e dela Madona i vol farlo santo. – E mi diso, ben che se lo mèrita, dopo tanto caminar e insegnar la devossion a la Madona. – Ben, Nanetto, adesso ciapemo anca nantri la strada verso casa. Speto rivar a Cassia e a San Giusepe prima del sol ndar do. – Lora che San Gioanin Pozzobon el ne giute. Pi de metà dela strada la ze stà fata sensa parole. Nanetto el parea pensieroso, fursi el fusse stufo o avelio. Giulieto intrigà, el ghe dimanda: – Nanetto sito drio pensar te la Gelina? Nò, par esser fianco nò. Due cose le me intriga. La prima la me ze vegnesta in testa quando ti te parlei coi sapienti de Ivorà sora le idee de Pasqualini. Mi go capio poco, ma par quel che go capio, mi disaria queste parole che go sentio dir no sò pi de chi: – Ze meio che tuti i magne un poco, che pochi i magne tuto! – Brao, Nanetto, te ghè tirà giusto in te la mosca. E quelaltra roba che la te intriga? – Quelaltra la ze pi fastidiosa. No sò come dirlo. Ma son drio pensar che mi, Nanetto Pipetta vegnú in Mérica par far la cucagna, bisogna che, pianpianeto, scomìssie convìncerme che no dà più par esser na figura pi bauca che furba e poco inteligente. Me pararia che gavaria da esser un Nanetto che'l fa rider e anca el fa pensar, che'l ze sèrio e anca schersoso. E, sora tuto, che'l sàpia, a la so maniera, discorer sora polìtica, religion, negòssii, educassion, poluission e così via. In una parola, esser un Nanetto del giorno de incó, e parlando talian, parché la ze na bela lengua. – Nanetto, bravìssimo. Se te vol mi te giuto. E scomissiemo pal invito de vegner a la università, quando mi presento el me stùdio. – Me tocarà pensar prima, ma dà che semo drio rivar, prima vui ringrassiarte a ti, dopo a Piero che, par via de lu, go cognossesto la Quarta Colònia. La prima volta che vao a Cassia, vao dirghe un par de rechiemeterne. E anca vao là de Maneco portarghe le quadernete, che le ze piene, par veder se dà par mandàrghele al Frate Rovílio, pol esser, che lu el fa stampar la me stòria in te la Quarta Colònia su un libro, che la finisse così, gràssie a tuti, mi Nanetto, e punto.

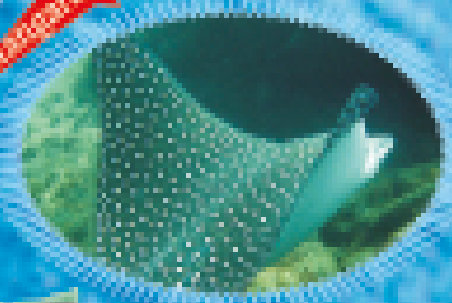
Silvino Santin Santa Maria, 13-03-2007 OBSERVAÇÃO Pelo planejamento inicial haveria uma terceira viagem de Nanetto Pipetta à Quarta Colônia, infelizmente, perdi a alegria e o prazer de escrever o Nanetto diante do rumo que ele tomou desde que foi liberado para quem quisesse participar. Assim, no meu entender ficou completamente descaracterizado como a figura antropológica, criada pelo seu criador, Frei Paulino ou Achiles Bendardi. Começou que Nanetto não é o protagonista da saga da imigração na atualidade. Ele é enxertado no interior de história do autor ou de estórias já conhecidas de todos e, geralmente, ambientadas num mundo rural antigo com pouco apelo ao imaginário atual. Para resumir, basta ver, para quem lê o Correio Riograndense, as ilustrações das crônicas semanais. Uma caricaturada infeliz, muito longe da figura anteriormente idealizada por Frei Osvaldo e atualizada pelo criador do Retorno de Nanetto, Pedro Parenti. Ele, ao trazer de volta o Nanetto, foi muito rigoroso em preservar sua identidade, tanto no seu perfil físico, quanto no seu caráter antropológico. A esse respeito é importante transcrever parte do depoimento de Rosane de Lima Casara sua esposa, publicado no Correio Riograndense em 20 de janeiro de 2010: "Com o tempo, percebemos que o Pedro ao falar ou escrever sobre Nanetto, referia-se a uma pessoa vera e fetiva. (...) Pedro e Nanetto eram um só. Tanto assim que as pessoas me perguntavam: - O Pedro é assim também em casa? - Claro, respondia, o Nanetto se fez sua alma e coração, e o Pedro, seu filósofo e advogado". E, para completar essa observação, nada mais eloqüente do que recorrer à inédita e quase esquecida dissertação sobre o Nanetto – O CÂNONE DA IMIGRAÇÃO ITALIANA: identidade social e representação através de Vita e Stòria de Nanetto Pipetta. – apresentada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo, hoje, doutor, Arlei Sander Damo e professor concursado do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas para o Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da mesma universidade.

Trilhas da Ilha Grande

Angra







Praia Grande de Araçatiba

Reserva Biológica da Praia do Sul

Parque Estadual da Ilha Grande

Pico do Papagaio

Provetá

Aventureiro

Parnaioca

Abraão

Lopes Mendes

Castelhanos



	T01	T02	T03	T04	T05	T06	T07	T08	T09	T10	T11	T12	T13	T14	T15	T16